



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Licenciatura em Pedagogia

DARLENE GOMES DA SILVA SANTOS

**Brinquedos e brincadeiras  
como potencializadoras da aprendizagem**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE  
2015**

**DARLENE GOMES DA SILVA SANTOS**

**Brinquedos e brincadeiras  
como potencializadoras da aprendizagem**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação – DED da Universidade Federal de Sergipe/UFS, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, tendo como orientador o Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2015**

## **DARLENE GOMES DA SILVA SANTOS**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação – DED da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira – Orientador  
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

---

Profª. Drª. Tacyana Karla Gomes Ramos – primeira avaliadora  
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

---

Prof. Dr. Antonio Vital Menezes de Souza – segundo avaliador  
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2015**

Dedico este trabalho aos meus pais, Marlene Gomes da Silva Santos, Hélio Gomes dos Santos e a toda a minha família, por terem me incentivado a vencer todos os obstáculos desta longa caminhada e por terem acreditado no meu sonho que está sendo concretizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é ter gratidão, e a gratidão vem do coração! Gratidão por esta vitória alcançada em minha vida e em primeiro lugar à Deus, por tudo o que tens feito, por tudo que vais fazer, por tuas promessas, agradecer por ter chegado até aqui, pela finalização desse projeto.

Agradeço em especial aos meus pais Marlene Gomes da Silva Santos, Hélio Gomes dos Santos e a minha família, pelo carinho, amor que sempre me dedicaram e, pela educação recebida de vocês, que fizeram e fazem de mim o que sou hoje, dando-me exemplos de caráter, de respeito e solidariedade. O companheirismo mútuo, aprendizado e superação são princípios que sempre moldaram esta família.

As minhas amigas de curso Jéssica Ramahanny, Silvaneide Lopes vocês são a família que tive o privilégio de escolher dentro da UFS. Aos meus professores e orientador desta pesquisa pelo suporte necessário auxiliando-me no desenvolvimento das ideias, agradeço pelo carinho, pela mediação do conhecimento já adquirido, descobertos e ampliados nesta academia. Que Deus abençoe vocês!!

Por fim agradeço a todos que compartilharam comigo de forma direta e indireta ao longo desta caminhada, dedico a minha vitória com a mais profunda gratidão e respeito. O meu muito obrigado!

## RESUMO

Um dos aspectos que marcam a infância é o brincar e este é para a criança aquilo que o trabalho é para o adulto, isto é, uma das suas principais atividades. Toda criança brinca independentemente da época, cultura ou classe social. O brincar é a essência da infância, e o brincar, um ato espontâneo. Desta forma, a presente pesquisa teve como objeto compreender os brinquedos e as brincadeiras como potencializadoras da aprendizagem na educação infantil. Uma questão pertinente e muito discutida na educação da infantil, pois as brincadeiras possibilitam a criança entrar no mundo da imaginação, sendo esta uma atividade essencial para a infância e, que deve ser estimulada, pois é através da imaginação, do brincar ou do mundo da ficção que a criança encontra a si mesmo, compreende o mundo e se desenvolve. Neste estudo, temos como objetivo compreender, refletir e analisar a respeito da importância do uso dos brinquedos e das brincadeiras como potencializadores da aprendizagem tanto na educação, quanto no cotidiano ou no meio social em que a criança está inserida. Para tanto, busquei analisar a presença do educador nesse processo lúdico que envolve a criança e suas potencialidades, expor as inter-relações entre as transformações do conceito de infância que ocorreram durante os séculos XII e XVIII até os dias atuais, bem como, concepções básicas acerca de educação infantil, brinquedos e brincadeiras na formação humana dentro da escola e fora dela. Tendo este como tema central, que é de suma importância, fazendo deste assunto um fator primordial a ser trabalhado por todos os pedagogos, professores, comunidade, escola e familiares que tenham a intenção de educar, sabendo que isto não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, mas sim, ajudar a criança a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. Para desenvolver a temática abordada foi feito levantamentos bibliográficos, trazendo autores e historiadores da História da Infância, assim como, educadores, estudiosos da psicologia Histórico-Cultural e críticos. Como resultado apresento análises, tipos e enfoques de brinquedos e brincadeiras na educação infantil e concluo demonstrando a importância para o desenvolvimento de qualquer criança a utilização de brinquedos e brincadeiras.

Palavras – chave: **brinquedos; brincadeiras; Conceitos; lúdico; Aprendizagem.**

## RESUMEN

Uno de los aspectos que hacen que el juguete de un niño y esto es para el niño lo que el trabajo es para un adulto, es decir, una de sus principales actividades. Cada niño juega independientemente de su edad, cultura o clase social. El juguete es la esencia de la infancia y el juego, un acto espontáneo. Por lo tanto, el presente estudio era entender los juguetes y juegos de objetos de aprendizaje como potenciador en la educación infantil. Una pregunta pertinente y discutido en la educación de los niños, porque los juegos permiten que el niño entre en el mundo de la imaginación, que es una actividad esencial para los niños y que habría que alentar, ya que es a través de la imaginación, el juego o el mundo ficción de que el niño se encuentra, entiende el mundo y se desarrolla. En este estudio, nuestro objetivo es comprender, analizar y reflexionar sobre la importancia del uso de juguetes y juegos como mejoradores, tanto en la educación y en la vida diaria o entorno social en el que se inserta el niño que está aprendiendo. Por lo tanto, he tratado de analizar la presencia del educador en este proceso lúdico que implica que el niño y su potencial, exponer interrelaciones entre el concepto de infancia de las transformaciones que se produjeron durante los siglos XII y XVIII hasta la actualidad, así como los conceptos básicos acerca de la educación de la primera infancia, juguetes y juegos en el desarrollo humano dentro de la escuela y más allá. Teniendo esto como un tema central, que es de suma importancia, por lo que esta cuestión un factor importante para ser trabajado por todos los miembros pedagogos, maestros, la comunidad, la escuela y la familia que tengan la intención de educar, sabiendo que no se limita a transmitir información o mostrar una sola manera, sino que ayudan al niño a tomar conciencia de sí mismos, los demás y la sociedad. Para desarrollar el tema discutido fue hecho bibliográfica, con lo que los autores e historiadores de la Historia de la infancia, así como educadores, estudiantes de psicología y de la crítica histórico-cultural. Como resultado, los presentes análisis, tipos y enfoques de juguetes y juegos en la educación infantil y concluyen que demuestra la importancia que tiene para el desarrollo de cualquier niño a utilizar los juguetes y juegos.

Palabras - clave: **juguetes; juegos; conceptos; lúdica; El aprendizaje.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>SESSÃO I</b>	
<b>COMPREENSÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	
<b>1.1 Construção social do conceito de infância ao longo da história e a compreensão da cultura da infância.....</b>	<b>06</b>
<b>1.2 Educação Infantil, transformações e características na sociedade.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 A relevância do brincar e da brincadeira na educação infantil escolar.....</b>	<b>20</b>
<b>SESSÃO II</b>	
<b>BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL</b>	
<b>2.1 O papel do lúdico na formação da identidade infantil.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 A influência do lúdico na formação de leitores.....</b>	<b>35</b>
<b>SESSÃO III</b>	
<b>TIPOS E ENFOQUES DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	
<b>3.1 Análise de conteúdo: significados nessa pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que marcam a infância é o brinquedo e este é para a criança aquilo que o trabalho é para o adulto, isto é, uma das suas principais atividades. Toda criança brinca independentemente da época, cultura ou classe social. O brinquedo é a essência da infância, e o brincar, um ato espontâneo.

A importância do brincar como uma das atividades essenciais para o desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança é enfatizado no segundo volume do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Formação Pessoal e Social, publicado pelo Ministério da Educação e do Desporto, em 1998, no Brasil. O ato de brincar é algo que está ligado à necessidade da infância, pois é especialmente nesta etapa da vida que a brincadeira é experimentada de forma constante e plena, onde habilidades importantes são estimuladas como a linguagem, a imitação, a memória, a imaginação, entre outras capacidades físicas e cognitivas.

Atualmente em nossa sociedade, extremamente capitalista, que influencia todos, inclusive as crianças, exercendo poder e controle através dos meios de comunicação, principalmente a televisão uma das alternativas para se reeducar essa influência está no lúdico, nas brincadeiras de uma forma geral, onde as crianças trabalhariam além do corpo, a interação com o outro e a mesma tem a característica de entrar no mundo dos sonhos das fábulas e normalmente utiliza como ponte as brincadeiras. Quando está brincando a criança se expressa mostrando seu íntimo, seus sentimentos e sua afetividade.

[...] As emoções são a exteriorização da afetividade (...). Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 1995, p. 143).

O mundo da criança difere qualitativamente do mundo adulto, nele há o encanto da fantasia, do faz-de-conta, do sonhar e do descobrir. É através das brincadeiras, atividade mais nobre da infância, que a criança irá se conhecer e terá a oportunidade de se constituir socialmente. É também a partir da espontaneidade do brincar que a ela poderá expressar as diferentes impressões vivenciadas em seu contexto familiar e social.

É interessante destacar que em todas as concepções teóricas sobre o desenvolvimento e educação da criança pequena e na literatura em geral, a brincadeira

aparece como um importante recurso na construção de conhecimentos e desenvolvimento integral.

A escolha do tema: “brinquedos e brincadeiras como potencializadores da aprendizagem” está centrado ao perceber como o lúdico interfere no desenvolvimento cognitivo das crianças, ajudando a exteriorizar o seu mundo e desejos internos. E também por reconhecer a importância dessas atividades no contexto escolar, pois as brincadeiras contribuem bastante para o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil:

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos. (Brasil, 1998, p. 27, V. 01).

É brincando também que a criança aprende a respeitar regras, melhora o seu relacionamento social e a respeitar a si mesmo e ao outro. Por meio da ludicidade a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar, discordar de opiniões, entre outros.

Brincar, segundo o dicionário Ferreira (2003), é "divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar", também, pode ser "entreter-se com jogos infantis", ou seja, brincar é algo muito presente nas nossas vidas, ou pelo menos deveria ser.

Portanto, os brinquedos e as brincadeiras são a essência da infância, a mesma estabelece com o brinquedo uma relação social espontânea e consegue extravasar suas angústias, entusiasmos, suas alegrias, tristezas, suas agressividades e passividades, além de fazerem parte do mundo das crianças e por proporcionarem momentos agradáveis dando espaço à criatividade. Todos devemos buscar o bem-estar dos pequenos durante o processo de ensino e aprendizagem, resgatando assim o lúdico como instrumento de construção do conhecimento.

Baseando-se nessa ideia busco, em fontes bibliográficas, dados que permitam responder essa indagação: “De que forma os brinquedos e as brincadeiras podem ser utilizados como potencializadores da aprendizagem? ”. Desta forma, a presente pesquisa teve como objeto compreender os brinquedos e as brincadeiras como potencializadoras da aprendizagem na educação infantil. A partir desse objeto me pergunto: quais as

potencialidades, apresentadas na literatura do campo, para os brinquedos e as brincadeiras na educação infantil?

Uma questão pertinente e muito discutida na educação da infantil, pois as brincadeiras possibilitam a criança entrar no mundo da imaginação, sendo esta uma atividade essencial para a infância e, que deve ser estimulada, pois é através da imaginação, do brincar ou do mundo da ficção que a criança encontra a si mesmo, compreende o mundo e se desenvolve.

Assim sendo, neste estudo, temos como objetivo principal compreender, refletir e analisar a respeito da importância do uso dos brinquedos e das brincadeiras como potencializadores da aprendizagem tanto na educação infantil, quanto no cotidiano ou no meio social em que a criança está inserida. Ainda, como objetivos específicos buscamos entender a compreensão de infância e de educação infantil contemporâneas; os possíveis papéis dos brinquedos e das brincadeiras na formação da identidade infantil e analisar e apresentar os principais tipos e enfoques de brinquedos e brincadeiras na educação infantil.

Defendo que as brincadeiras devem acompanhar a criança da educação infantil, pois é nesse período que são considerados todos os aspectos de sua formação. De fato, podemos perceber que as crianças, logo que chegam à escola, já possuem uma cultura própria e a escola que entende que sua função é passar conteúdos, faz com que os professores na maioria das vezes, utilizem somente o quadro negro e, conseqüentemente, não aproveite as potencialidades relacionadas à cultura da criança.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais (RCN'S), é imprescindível propiciar situações que favoreçam a capacidade de criar, sendo que a brincadeira um meio favorável e para que isso aconteça. Para que seja possível brincar, é necessário que a criança se aproprie das questões da sua realidade, para, então, conferir novo sentido as mesmas. “Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformadora, no palco das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.” (Vol. 1, p.27).

A separação existente entre o brincar e o aprender por ser uma construção social leva o professor a seguir uma linha racionalista e conteudista e, embora alguns docentes tentem diversificar sua prática pedagógica, na maioria das vezes, os pais e até mesmo a equipe pedagógica da escola não aceitam que o brincar e o aprender possam estar juntos.

Brinquedos e brincadeiras estão presentes no cotidiano infantil, por mais simples que seja a interação entre crianças e adultos e, portanto, fazem parte da cultura da infância e suas formas de aprender. Percebemos que o lúdico de alguma forma, pode ser observado em diferentes situações vividas por estes indivíduos.

As brincadeiras trazem contribuições notáveis na vida da criança através da interação no meio social em que ela vive. Podemos afirmar que esta atividade é indissociável à vida da criança e, conseqüentemente, ao seu desenvolvimento, onde se entende que a cultura lúdica faz parte do ser humano, desde o surgimento e evolução das civilizações (HUIZINGA, 1980).

Brincar é uma experiência fundamental para qualquer idade, principalmente para as crianças da Educação Infantil. Dessa forma, a brincadeira pode ser uma atividade utilizada pelo professor não apenas para recrear as crianças, mas também como uma atividade significativa, cabendo ao educador criar elementos de motivação para as crianças e criar atividades que proporcionam conceitos que preparam para a leitura, para os números, conceitos, dentre outros.

Segundo Papalia (2010, p. 291), “os pesquisadores categorizam as brincadeiras de criança por conteúdo (o que a criança faz quando brinca) e por dimensão social (se ela brinca sozinha ou com outras crianças). ”

Enquanto brinca a criança demonstra muito do que vai em seu mundo interior. As brincadeiras escolhidas, as histórias favoritas, as dramatizações nas brincadeiras em que reproduzem o mundo adulto, mostram muito de suas carências e necessidades afetivas.

Concordo com Brougère (2001), quando afirma que a brincadeira depende da interpretação dos atores sociais, pois para esse pesquisador "a brincadeira não é um comportamento específico, mas uma situação na qual esse comportamento toma uma significação específica" (Brougère, 2001, p. 100). O referido autor argumenta sobre a liberdade da brincadeira, da necessidade da escolha, de querer brincar, a "magia do jogo" pode acontecer nas mais diferentes situações e ambientes, basta querer.

O elemento primordial que me veio a realizar essa pesquisa foi o uso de brinquedos e brincadeiras na educação das crianças, justamente por perceber que o mesmo está inserido no conceito de infância e de cultura da infância, e sabendo da importância de entender esta relação na aprendizagem das crianças, onde o lúdico é um fator importante para tal. Nesse sentido, o mesmo é subdividido em três seções que abordam temas fundamentais para que possamos compreender melhor esse universo lúdico no ensino aprendizagem, a união desses interesses foi essencial para chegar ao

objeto desse estudo, o qual visa compreender a brincadeira e a sua relação na aprendizagem dentro do âmbito escolar.

Na primeira seção deste estudo busca-se uma análise de autores acerca da história da infância e da família. Autores como Ariés que explicam os processos de transformação dos aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais que mudaram o sentimento do conceito de infância. As transformações e aspectos da educação infantil na sociedade durante os séculos passados até os dias atuais, a relevância dos brinquedos e brincadeiras na educação escolar das crianças e a cultura infantil.

Na segunda seção é abordado um estudo sobre a importância de brinquedos brincadeira na formação da identidade infantil e o lúdico na formação de leitores. O brincar como uma atividade necessária para a infância e conseqüentemente uma atividade que não pode faltar no currículo da Educação Infantil, sendo assim a brincadeira em todas suas formas é construtora de identidades, elemento vital para descobertas, sendo a imaginação o fundamento de todo o brincar.

Na terceira seção discuto a questão central da pesquisa, abordando o uso, os tipos e as características dos brinquedos e brincadeiras na educação infantil, trazendo questões relevantes acerca do desenvolvimento da criança e sua relação com o mesmo. Por fim, será apresentado as considerações finais.

## SEÇÃO I COMPREENSÃO DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

### 1.1 Construção social do conceito de infância ao longo da história e a compreensão da cultura da infância

Durante o século XII e XVIII ocorreram grandes transformações históricas, onde a infância tomou diferentes conotações em todos os aspectos, sejam eles culturais, sociais, políticos e econômicos. Neste sentido, Áries (1981) ressalta que "na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes". (p.156). Ou seja, isto porque acreditava-se que a concepção de infância está ligada à cultura que vivemos e a sociedade que nós adultos criamos para as crianças, e como um ser moldado pela cultura e pela sociedade estas vivem as influências de sua época.

A criança era vista como substituível, como um ser produtivo que tinha uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade era inserida na vida adulta e tornava-se útil na economia familiar, realizando tarefas, imitando seus pais e suas mães, acompanhando-os e cumprindo seu papel perante a coletividade. As famílias eram numerosas e seus limites de intimidade era quase que inexistentes, as pessoas viviam a maior parte do tempo fora de casa, na rua, nas praças ou no meio de comunidades de trabalho, de festas e de orações.

O conceito de infância foi sendo modificado historicamente e, foi a partir do século XVII que as mudanças foram se concretizando, e então a infância começa a ser valorizada pelas suas necessidades próprias e deixa de ser a criança um "adulto em miniatura" como era compreendida socialmente antes (ARIÉS, 1981).

A história social da criança e da família analisada por Ariés explica como o conceito de infância que temos hoje foi construído. O fato das crianças seres tratadas conforme o modelo de adulto da época, onde elas se vestiam iguais aos adultos, participavam de reuniões, festas, saraus e danças, fizeram desse estilo de pensar e viver a infância. Segundo ARIÉS (1981, p. 51) "[...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido [...]".

Pode-se perceber então, que a afirmação do sentimento da infância no século XVIII vê a educação ou a institucionalização da criança como responsabilidade da

família, os pais enxergavam através de seus filhos a possibilidade da administração dos bens familiares, e conseqüentemente, a ampliação das posses. Além disso, fase da infância era irrelevante, ou seja, passava despercebida, pois não se tinha a consciência que esse período de desenvolvimento humano é especial, distinto, singular e vital para tal.

Desta forma, as crianças eram sujeitadas e moldadas para realizar as suas funções de acordo com o preparo social. Sua aprendizagem era adquirida pelas relações com os mais velhos, com os familiares e outros, porém sem a preocupação com as necessidades especificadas inerentes a essa primeira idade, conhecida hoje como infância. Não tinha o reconhecimento dos diversos cuidados necessários com a saúde, a segurança, o carinho, a educação e tantas outras. No entanto, não havia a preocupação com a criança pequena, que é biologicamente limitada como nos ensina Áries (1981, p. 36).

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras.

De um ser sem importância, quase imperceptível, a criança num processo secular ocupa um maior destaque na sociedade, e a humanidade lhe lança um novo olhar. Para entender melhor essa questão é preciso fazer um levantamento histórico sobre o sentimento de infância, procurar defini-lo, registrar o seu surgimento e a sua evolução.

Segundo Áries,

o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem (Áries, 1978 : 99).

Nessa perspectiva o sentimento de infância é algo que caracteriza a criança, a sua essência enquanto ser, o seu modo de agir e pensar, que se diferencia da do adulto, e, portanto, merece um olhar mais específico. Ao tratar da concepção de infância, Ariès afirma que a sociedade medieval ignorava a infância. Ao referir-se à ausência de crianças na arte medieval, seu objeto de estudo, relaciona essa ausência a uma falta de lugar para a infância nesse contexto, pois

[...] o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças:

corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS 1981, p.156)

Então, devido as modificações nas relações sociais que se estabelece na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos fossem fortalecidos. A partir desse momento, a criança passa a ser vista como um indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com a sua saúde e sua educação, tais elementos são fatores imprescindíveis para a mudança de toda a relação social.

O autor Kuhlmann Jr. (1998, p.16) afirma, também, esse significado de infância ao explicar que

etimologicamente, a palavra infância refere-se a limites mais estreitos: oriunda do latim, significa a incapacidade de falar. Essa incapacidade, atribuída em geral ao período que se chama de primeira infância, às vezes era vista como se estendendo até os 7 anos, que representariam a passagem para a idade da razão. [...] Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função de transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel.

O fato é que as crianças existiram em todos os períodos da humanidade, o tratamento e a relação dessas com a sociedade e seus membros é que projeta o conceito de infância em diferentes períodos. Segundo Sarmento e Pinto (1997), foi na Idade Moderna que a infância se constituiu como uma categoria social:

Com efeito, crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. (1997, p.13)

A partir deste, a sociedade moderna entre os séculos XVI e XVII, surge um novo contexto, transformações nas relações sociais começam a se constituir, onde a criança passa a ter um desempenho fundamental dentro da sociedade. A família começa a se preocupar com as diferenças entre os pais e os filhos. Kuhlmann Jr. (1998, p. 18-19) concorda com Ariés (1981) ao afirmar que

o enfoque nos comportamentos e mentalidades é conhecido preponderantemente pelo livro de Ariés sobre a história da criança e da família. Ariés identifica a ausência de um sentimento da infância até o

fim do século XVII, quando teria se iniciado uma mudança considerável. Por um lado, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação; a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, passando a viver uma espécie de quarentena na escola. Por outro, esta separação ocorreu com a cumplicidade sentimental da família, que passou a se tornar um lugar de afeição necessária entre cônjuges e entre pais e filhos. Esse sentimento teria se desenvolvido inicialmente nas camadas superiores da sociedade: o sentimento da infância iria do nobre para o pobre.

Com o surgimento desse novo homem aparecem também as primeiras instituições educacionais, sugerindo que os adultos compreendessem a particularidade da infância e sua importância, tanto moral como social e metódica, de as crianças frequentarem instituições especiais, adaptadas a tais finalidades. Sendo assim, a mesma passa a ser vista e ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. Daí vem a explicação dos tipos de atendimento destinados às crianças, de caráter repressor e compensatório.

De um lado a criança é vista como um ser inocente que precisa de cuidados, do outro como um ser fruto do pecado. Segundo Kramer,

nesse momento, o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela papariação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe à ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da "moralização" e da educação feita pelo adulto (Kramer, 2003, p.18).

Esses dois sentimentos são originados por uma nova postura da família em relação à criança, que passa a assumir mais efetivamente a sua função. A família começa a perceber a criança como um investimento futuro, que precisa ser preservado, e, portanto, deve ser afastada de maus físicos e morais. Para Kramer (2003, p.18) "não é a família que é nova, mas, sim o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância."

Araújo (2007) endossa essa afirmação, atribuindo ao Renascimento a centralidade da criança e da infância. Com o Renascimento, no início da Idade Moderna, o homem adquire centralidade situando o sujeito humano como produtor do seu destino e sobrepondo a razão humana à fé divina. Dessa convicção procede a preocupação com a infância, pois

cabia, então, investir na infância e na criança em vista das possibilidades de construção do futuro da humanidade. É nesse sentido que a Modernidade, criança e infância se entrelaçam, de forma que a infância

se viabilizaria pela formação humana e a criança seria o alvo de tal construção. (ARAUJO, 2007, p.183)

Seguindo esse pensamento, a criança é compreendida como um indivíduo que tem um importante papel para a sociedade, que pode ser formado, enfim, educado. Reconhecida as especificidades da infância, busca-se então desvendá-la e compreendê-la para poder educá-la.

Desta forma, observo que conforme há transformações na estrutura social começa a se mudar também o conceito de infância, e isso frente à organização familiar, porque não se compreendia de certa forma e não se pensava a infância como na atualidade, ou seja, não se pensava e não se sabia o que representava ser criança; isso porque a criança não se diferenciava do adulto e não era representada significativamente na família, era vista como somente ligada ao grupo como qualquer outro personagem do contexto, como um "ser em miniatura" que tinha que aprender a viver juntamente com os demais.

Mas esses são alguns dos sentimentos de infância que Áries (1981) apresenta. Este pesquisador mostra que com o passar do tempo e em cada época se criava um sentimento, um modo de perceber a infância e foi o que ocorreu ao fim da Idade Média, onde surgiu a percepção da criança como um ser inocente, divertido, é o sentimento de "paparicação", onde a criança era vista como fonte de distração dos adultos. E após contrário a este sentimento surge o sentimento de irritação que segundo Áries (1981), "não se suportava o sentimento de paixão pelas crianças, na qual as pessoas beijavam estas". (p.158)

Contudo, voltando às épocas mais atuais observa-se que o reconhecimento por essa começa a aparecer, e esse reconhecimento vem segundo Paula (2005),

com o estabelecimento de uma nova ordem política, social e econômica, impulsionada por diversos fatores, dentre os quais o capitalismo industrial, o neoliberalismo e suas consequências (migrações, surgimento da família nuclear e burguesa, adstrição da criança à família e ideia de escola), ocorreram transformações que influenciaram a organização da estrutura familiar e, conseqüentemente a vida das crianças. (p.1)

Isto mostra uma nova percepção da infância e me fez pensar como houve a variação das concepções no decorrer dos anos, e isto é perceptível a meu ver, ao observar as concepções que relatei anteriormente. Segundo os Referenciais curriculares (1998) "a concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época". (p. 21).

Atualmente temos consolidado nas políticas públicas do nosso país o conceito de criança como sujeito histórico e social, que constrói sua identidade e adquire conhecimentos através das relações e sentimentos vivenciados em seu cotidiano. A exemplo, atualmente, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010, p.12), a criança é compreendida como

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Portanto, é na infância a primeira experiência de entrar em contato e compartilhar do mundo da ficção, tendo em consideração a descoberta da própria identidade, o que é primordial para o seu crescimento cognitivo. Por isso que Kishimoto (2008, p. 21), nos alerta que “atualmente, a imagem de infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil”. (KISHIMOTO, 2008, p. 21).

Hoje em dia, o próprio conceito de cultura, o falar sobre a mesma provoca discussões. Cohn (2005, p. 20) afirma que

(...) a cultura não está nos artefatos nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que as conformam e lhes dão sentido. Assim, um texto, uma crença ou o valor da vida em família podem mudar, sem que isso signifique que a cultura mudou ou se corrompeu. A cultura continuará existindo enquanto consistir esse sistema simbólico. Nesse sentido, está sempre em formação e mudança.

Isso significa que há muito o que se fazer para chegar a uma escola onde se possa dizer que lá é cultivado valores e saberes produzidos através da cultura da infância e em uma sociedade onde a criança é encarada como um ser que possui uma história.

Os educadores têm o papel de formar seres criativos e críticos, por isso a relevância do enriquecimento do cotidiano infantil com brinquedos e brincadeiras são indispensáveis para a criação de situações imaginárias. Ao brincar, a criança se movimenta, explora objetos, comunica-se, se expressa, buscando assim a construção do seu conhecimento e socialização.

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (MEC, 2012), o Manual pretende ressaltar o papel do brincar na constituição da infância, entendendo que é por meio da brincadeira que a criança se expressa, interage, investiga e

aprende sobre o mundo e as pessoas. Nesse sentido, as propostas pedagógicas devem considerar a criança, centro do planejamento curricular, como sujeito histórico e de direitos, que forma sua identidade pessoal e coletiva nas relações e práticas cotidianas, e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

O brincar caracteriza a primeira atividade cultural da criança, pois é na brincadeira que a mesma transforma e amplia os conhecimentos previamente adquiridos. No entanto, a forma como ela amplia esse conhecimento é muito diversificada, pois depende de suas experiências, podendo ser muito mais do que são expressando as diferentes dimensões humanas.

De acordo com Agostinho (2003),

[...] as crianças durante as brincadeiras davam outros sentidos e significados aos objetos, interagindo com eles de outro jeito, fugindo ao convencionalmente colocado, mas em outras ocasiões ou num momento seguinte utilizavam um objeto de forma real, demonstrando que a criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo. Assim quando brincam, as crianças repetem e também inovam as ações esperadas pelos adultos. Nessa sua inovação, nesse seu outro jeito de se apropriar dos objetos, por vezes, confrontam-se com a lógica adulta. (AGOSTINHO, 2003, p.80)

As crianças em suas brincadeiras atribuem outros sentidos e significados aos objetos, recriando o mundo, o que leva muitas vezes o adulto, entendendo isso como um ato desordenado, a impossibilitá-la de manifestar sua espontaneidade, criatividade e liberdade. Isto é, na infância faz-se necessário guiar as crianças com cautela, com explicações condizentes com sua idade, pois nesta fase, as mesmas estão ativas para explorar, experimentar, colecionar, perguntar, aprender depressa e desejar exibir suas habilidades.

Destaca-se, portanto, que brinquedos e brincadeiras são atividades que exercem maior influência no desenvolvimento das funções psicológicas superiores e da motricidade da criança pré-escolar. Pois é através dessas atividades que se formam os conhecimentos, hábitos e qualidades psíquicas necessários para a realização das diversas atividades humanas.

Machado (2003) afirma que:

Brincar é nossa primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideais e objetivos comuns. A cultura é o jeito de as pessoas conviverem, se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo

sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura. (Machado, 2003, p.21)

A cultura, segundo o autor, salienta a convivência, a expressão, o brincar infantil, o trabalho e outras formas diversas do ser humano interagir no seu meio. O brincar representa um tipo de linguagem que tem sentido a partir da inserção da criança em determinada cultura, este meio deve propiciar à criança condições e oportunidades para a ocorrência de brincadeiras, descoberta e os níveis de crescimento necessários à estruturação adequada na infância.

Ela acrescenta ainda que “no brincar, a criança lida com sua realidade interior e sua tradução livre da realidade exterior: é também o que o adulto faz quando está filosofando, escrevendo e lendo poesias, exercendo sua religião” (Idem, p.22).

A autora ressalta que o brincar é uma linguagem e que para explorar, descobrir e apreender a realidade, paradoxalmente a criança se utiliza do faz-de-conta e das brincadeiras. Brincando, ela aprende a linguagem dos símbolos e entra no espaço original de todas as atividades sócio-criativo-culturais.

A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. O brincar contém o mundo e ao mesmo tempo, contribui para expressá-lo, pensá-lo e recriá-lo, pois é brincando, jogando e criando narrativas, as crianças estão falando de si próprias, de seus medos, coragem, angústias, sonhos, ideais e, ao mesmo tempo, estão falando de seu tempo, da cultura em que vivem, aprendem e se desenvolvem.

Dentro de seu nível de desenvolvimento, segundo Machado (2003), a criança por meio do brincar, explora o mundo ao seu redor, mas também ocorre a aquisição e/ou ampliação dos sentimentos, percepção, ideias, fantasias dentre outros ganhos. Os adultos também desempenham um papel primordial na vida da criança, especificamente na cultura de seu meio, isto é, todas as ações e atitudes do adulto direcionadas ou não a criança, seja por gestos, modo de falar, expressão facial, incentivos, entre outras, produzem significados, por estarem unidos a uma cultura específica.

Desta forma, a criança na brincadeira se apropria de elementos da realidade imediata, atribuindo-lhes novos significados. Por isso, toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.

## 1.2 Educação Infantil, transformações e características na sociedade

De acordo com as discussões sobre a Educação Infantil relacionando-a com elementos inerentes da infância, como as brincadeiras, características e seus aspectos buscamos alguns das transformações históricas, políticas, econômicas, sociais, culturais e pedagógicas pontos históricos que nos levam a entender como era vista a educação infantil antes e nos dias atuais, o surgimento das primeiras instituições educacionais para as crianças que advém.

De acordo com Oliveira (1996), o nascimento do pensamento pedagógico moderno nos séculos XVI e XVII impregnando-se do pragmatismo tecnicista e do desenvolvimento científico ocorrido com a expansão mercantilista, criou novas perspectivas educacionais, que terminaram repercutindo na educação de crianças pequenas.

Na idade média o modo de lidar com as crianças era baseado em alguns costumes herdados da antiguidade e o status da criança era nulo. A Educação Infantil nem sempre teve um lugar de destaque na formação da criança pequena, assim com o passar dos anos surgiu uma instituição assistencial que vinha com objetivo de suprir as necessidades da criança e de ocupar, em muitos aspectos o lugar da família.

Kuhlmann Jr. (1998) produz uma abordagem histórica sobre infância e Educação Infantil. Para o referido autor, as instituições pré-escolares no contexto mundial tiveram sua distribuição a partir da segunda metade do século XIX. Se recorrermos à concepção de infância, podemos identificar que as pesquisas científicas trouxeram grandes contribuições para a compreensão da importância do atendimento educacional a crianças de 0 a 6 anos de idade, como fator essencial para o desenvolvimento infantil. Com isso, foi formado um novo entendimento em relação ao que seja assistência, trazendo a concepção de “assistência científica”.

No contexto histórico do Brasil foram vários interesses de formar as instituições pré-escolares, as creches, as escolas maternais e outra instituição com influência europeia, os jardins de infância, tendo como base o campo da assistência à infância, com interesses empresariais e políticos. E outros profissionais como os médicos, professores e também religiosos que buscavam o atendimento de crianças em instituições sendo estas com fins filantrópicos.

A História da pré-escola surgiu dentro do espírito preparatório, ou seja, preparar a criança para a primeira série e para a vida escolar. O caráter assistencial de atendimento

à criança pequena foi, inicialmente, devido à emergência e desestruturação gerada pela guerra.

Kuhlmann (1998) investiga nessa direção e traz à análise como resultado, uma articulação de forças jurídicas, empresariais, políticas, médicas, pedagógicas e religiosas, influenciadas por três concepções:

- a. A *Jurídico-Policial*: a antropologia criminal daria ênfase aos fatores hereditários e a sociologia criminal daria ênfase à influência do meio. Na complexa questão da criminalidade infantil, as duas concepções viriam compor uma só corrente de ideias.
- b. Na concepção *Médico-higienista*: os higienistas discutiam projetos para a construção de escolas, implantação de serviços de inspeção médico-escolar e a apresentação de sugestões para todos os ramos do ensino, especialistas e educação primária e infantil.
- c. A terceira, a *Concepção Religiosa*, a Igreja Católica aparecia como sustentáculo da sociedade capitalista, pois sua experiência secular não podia ser desprezada, transformando o pobre em protetor do rico.

Kuhlmann (1998) considera o ano de 1899 como o do surgimento de creches, que passaram a ocupar o cenário da assistência à Infância Brasileira, enquanto os Jardins de Infância eram considerados educativos, tornando-se a principal modalidade de atendimento aos pobres.

Segundo Kramer, (1992, p.23), eram objetivos da época:

[...] elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos; regulamentar o serviço das amas de leite; velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender às crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e jardins de infância.

Na década de 40, surgiu o Departamento Nacional da Criança com o intuito de ordenar atividades dirigidas à infância, maternidade e adolescência, devido, toda essa mudança deu-se início ao atendimento da educação infantil no Brasil. Em meados de 1960, o Departamento Nacional da Criança enfraqueceu-se e acabou, por este motivo, transferindo algumas de suas responsabilidades para outros setores, prevalecendo o caráter assistencialista.

Em consequência desses interesses não concretizados de fato para todos, surgiram outros movimentos, com a pressão das mulheres que tiveram a conquista do trabalho profissional, e com a maternidade, a questão da infância e seus cuidados e proteções tiveram também grande participação na criação das instituições de Educação Infantil, ao que se refere às instituições assistencialistas. Somente então, depois de muita luta, a

educação aqui no Brasil passou a ser pensada como dever do Estado e direito de todos, ou seja, nos últimos cinquenta anos a educação é encarada nesses termos.

Somente na década de 1980 dá-se um avanço em relação a Educação Infantil. Ou seja, podemos considerar o tempo mais relevante, o marco legal no Brasil em termos de concepção de criança e de infância. Com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do adolescente. São políticas com novas concepções de infância, como nova conquista da legislação brasileira, conhecendo a criança como sujeito de direitos. Foi concluído que, independente da classe social, a educação da criança pequena é extremamente importante e que todas deveriam ter acesso a ela.

Em 1988, a Constituição define creche/pré-escola como direito de família e dever do Estado em oferecer esse serviço. Dois anos depois, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil.

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) lei 8.069/90, os municípios são responsáveis pela infância e adolescência, criando as diretrizes municipais de atendimento aos direitos da criança e do adolescente e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, criando o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Em 1994, o MEC publicou o documento Política Nacional de Educação Infantil que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, entre elas a necessidade de qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de Educação Infantil.

Dentro de todos os processos históricos decorrentes no Brasil, acabou sendo resultante na Lei 9394/96 – Lei de diretrizes e Bases da Educação- LBD, a qual apresenta a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica. Garantindo em lei o direito a todas as crianças de 0 a 6 anos ingressarem nas instituições de Educação Infantil, a LDB 9394/96 - Seção II Da Educação Infantil declara que:

Art. 29º. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade (Redação dada pela Lei nº 12.796. de 2013), em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A Educação Infantil será oferecida em:

- I - Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

De acordo com a Lei nº 12.796 de 2013 a Educação Infantil atende atualmente crianças de 0 a 5 anos. O ensino em toda Educação Infantil tem como fundamentação a função pedagógica de favorecer o desenvolvimento infantil integral, com a aquisição de conhecimento. Para compreendermos a fundamentação do desenvolvimento infantil na contemporaneidade, os estudos de psicólogos e educadores nos trouxeram contribuições importantes, onde nos possibilitaram maior entendimento de como as crianças constroem seu conhecimento.

Assim, afirma Kuhlmann Jr. (1998, p. 18) no trecho abaixo:

No campo da história da educação, além da história das instituições educacionais, a história do discurso pedagógico, a partir do estudo de autores como Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, entre outros, traz uma importante contribuição à história da infância.

A partir daí a Educação Infantil ganhou uma dimensão mais ampla dentro do sistema educacional e a criança foi vista como alguém capaz de criar e estabelecer relações, um ser sócio histórico, produtor de cultura e inserido nela e que, portanto, não precisa apenas de cuidado, mas está preparado.

Com o objetivo de oferecer parâmetros para a manutenção e a criação de novas instituições de Educação Infantil, o MEC publicou, em 1998, o documento Subsídios para credenciamento e o funcionamento das Instituições de Educação Infantil. No mesmo ano, visando a elaboração de currículos de Educação Infantil, cuja responsabilidade foi delegada pela LDB a cada instituição e seus professores, o ministério editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Um ano depois, em 1999 o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esses documentos são, hoje, os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país.

No Brasil considera-se como educação infantil o período de vida escolar em que se atende, pedagogicamente, crianças com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chama o equipamento educacional que atende crianças de 0 a 3 anos de “creche”. O equipamento educacional que atende crianças de 4 a 6 anos se chama “pré-escola”.

A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar, ou seja, cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e educar porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados para que as mesmas desde muito cedo para o exercício da cidadania.

O Conselho Nacional de Educação-CNE lei 9.131/95 declara que:

Art. 3º [...] III; As Instituições de Educação Infantil devem promover em Suas Propostas Pedagógicas práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivo cognitivos/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. A Educação Infantil passa a ser vista não como um artigo de luxo, mas um direito a todas as crianças brasileiras.

Para atender essa nova demanda, a educação infantil necessita alterar suas práticas pedagógicas, pois a creche não é somente um lugar onde só se cuida de crianças e muito menos uma instituição essencialmente assistencialista. A proposta pedagógica é sem dúvida uma ferramenta importante e fundamental para o sucesso do processo educacional.

A formação de docentes, conforme a LDB 9.394/96 art. 62 e o Parecer do CNE/CEB 04/2000, para atuar na Educação Infantil, poderá ser feita em curso de Licenciatura de Graduação Plena, em Universidades e Institutos Superiores de Educação, admitida como formação mínima a modalidade Normal.

A formação do educador deve ser entendida como um processo dinâmico, contínuo e permanente, tendo como base um conhecimento cada vez melhor da criança, conhecimentos psicopedagógicos que o ajudem a compreender melhor as técnicas e destrezas que lhe permitirão uma boa e correta atuação educativa, conhecimentos metodológicos que possibilitam conduzir satisfatoriamente as aprendizagens dos pequenos e conhecimentos sociais para adequar melhor a realidade educativa ao contexto sociocultural. (ARRIBAS 2004, p. 32)

Diante disso, tem-se a certeza de que, para ser um bom professor, não basta apenas ter a formação exigida por lei, é necessário estar em constante formação. Os professores de Educação Infantil devem estar comprometidos com a prática educacional e, por isso, precisam estar preparados para assumir essa responsabilidade, considerando que é a etapa mais importante da vida do ser humano, pois é nesta fase da vida que a pessoa constrói a sua personalidade, e muito vai depender da intervenção do educador.

Segundo Franco (1995, p. 61) trabalhar com a criança não é simplesmente, treiná-la para que adquira hábitos sociais, mas possibilitar-lhe estabelecer, uma relação sadia e

rica com o meio que a cerca, de modo a impulsionar o seu desenvolvimento e a apropriação de conteúdos novos.

Considerando o que o autor comenta, ressalta-se a importância de os profissionais que trabalham com crianças, conhecerem o desenvolvimento infantil, para que possam fazer intervenções pertinentes, quando necessário. A criança só chega ao máximo do seu desenvolvimento quando bem orientada e isso muito depende das interações estabelecidas ao longo do caminho. Os professores que trabalham com Educação Infantil devem realizar constantes reflexões sobre o que fazem, por que fazem e recorrer a determinados referenciais, que os guiem, fundamentem e justifiquem sua atuação.

O docente necessita, quando da elaboração do seu plano de aula, saber dosar o tempo das atividades e trabalhar de uma forma lúdica, através de jogos, música, dramatização, quebra-cabeças e utilizar sempre o material concreto, pois assim o aluno poderá entender como acontece o processo tornando assim, o aprendizado mais significativo para o ele.

O papel do professor de Educação Infantil deve ser de observador, questionador, conhecer o seu aluno e ter sensibilidade para interpretar as mensagens que o aluno apresenta e também deve saber ouvir, ter paciência e acima de tudo ser muito afetuoso com seus alunos, criando um clima de respeito entre ambos de forma harmoniosa.

O profissional que trabalha nas instituições de Educação Infantil precisa ter profundo conhecimento sobre o desenvolvimento infantil para poder entender cada fase da criança, como ela se comporta em cada fase e de que maneira poderá fazer as intervenções e estimulação das mesmas. Os mesmos devem estar sempre motivados para interagir junto com as crianças, em todos os momentos que estiver com elas, seja nas atividades dirigidas ou livres e estar disposto a participar com os alunos, pois é nesta fase que a criança necessita de atividades com movimento, ou seja, pular, correr, enfim, desenvolver a coordenação motora ampla, pois se esta for estimulada consequentemente aumentará a sua capacidade cognitiva.

### 1.3 A relevância do brinquedo e da brincadeira educação infantil escolar

No fim do século XIX, o psicólogo e filósofo francês Henri Wallon (1879-1962), o biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) e o psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934) buscaram compreender como os pequenos se relacionavam com o mundo e como produziam cultura. Até então, a concepção dominante era de que eles não eram produtores e socializadores de cultura própria. Investigando essa faceta do universo infantil eles concluíram que boa parte da comunicação das crianças com o ambiente se dá por meio da brincadeira e que é dessa maneira que elas se expressam culturalmente.

O brinquedo também possui uma dimensão histórica e cultural cuja apresentação torna-se primordial para sua compreensão. Os termos criança, infância e brinquedo são construções sociais, ou seja, representações criadas pela sociedade para identificar coisas ou objetos.

Para KISHIMOTO (1994) o brinquedo é compreendido como um “objeto suporte da brincadeira”, ou seja, brinquedo aqui estará representado por objetos como piões, bonecas, carrinhos etc. Os brinquedos também podem ser considerados: estruturados e não estruturados. São denominados de brinquedos estruturados aqueles que já são adquiridos prontos, é o caso dos exemplos acima, piões, bonecas, carrinhos e tantos outros.

Os brinquedos denominados não estruturados são aqueles que não sendo industrializados, são simples objetos como paus ou pedras, que nas mãos das crianças adquirem novo significado, passando assim a ser um brinquedo. A pedra se transforma em comidinha e o pau se transforma em cavalinho. Portanto, vimos que os brinquedos podem ser estruturados ou não estruturados dependendo de sua origem ou da transformação criativa da criança em cima do objeto.

Brincadeira: A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. Exemplos de brincadeiras que poderíamos citar e que são amplamente conhecidas: Brincar de Casinha, Ladrão e Polícia etc. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças.

As brincadeiras são linguagens não verbais, nas quais a criança expressa e passa mensagens, mostrando como ela interpreta e enxerga o mundo. E é um direito de todas as crianças do mundo, garantido no Princípio VII da Declaração Universal dos Direitos da Criança da UNICEF.

Wallon (1879-1962) foi o primeiro a quebrar a paradigmas da época ao afirmar que a aprendizagem não depende apenas do ensino de conteúdos: para que ela ocorra, são necessários afeto e movimento também. Ele afirmava que é preciso ficar atento aos interesses dos pequenos e deixá-los se deslocar livremente para que façam descobertas, levando em conta que as escolas davam muita importância à inteligência e ao desempenho, propôs que considerassem o ser humano de modo integral.

Já Piaget (1896-1980), focou no tempo, espaço e movimento das crianças e de como se diferem, ou seja, nas características do brincar de acordo com as faixas etárias, denominando que os mesmos fazem descobertas com experimentações e atividades repetitivas, os maiores lidam com o desafio de compreender o outro e traçar regras comuns para as brincadeiras.

As pesquisas de Vygotsky (1896-1934) apontaram que a produção de cultura depende de processos interpessoais, ou seja, não cabe apenas ao desenvolvimento de um indivíduo, mas às relações dentro de um grupo. Por isso, destacou a importância do professor como mediador e responsável por ampliar o repertório cultural das crianças.

Conscientes de que elas se comunicam pelo brincar, Vygotsky (1896-1934) considerou uma intervenção positiva a apresentação de novas brincadeiras e de instrumentos para enriquecê-las, afirmando que um importante papel da escola é desenvolver a autonomia das crianças.

Ao observarmos uma criança em idade pré-escolar exercendo algum tipo de atividade, é fácil perceber que o brincar de faz-de-conta é constante em suas ações e atitudes. Como essa atividade surge na criança?

De acordo com Leontiev (1998a, 1998b), o brinquedo surge na criança no início da idade pré-escolar, no momento em que ela sente a necessidade de agir não apenas com os objetos que fazem parte de seu ambiente físico e que são acessíveis a ela, mas com objetos a que ela ainda não tem acesso, e que são objetos pertencentes ao mundo dos adultos. Para superar essa necessidade a criança brinca e durante a atividade lúdica ela vai compreendendo a sua maneira o que faz parte desse mundo, esforçando-se para agir

como um adulto, por exemplo, dirigir um carro, andar a cavalo, preparar uma comida ou atender um paciente. A contradição existente entre a necessidade de a criança agir com os objetos do mundo adulto e a impossibilidade de operar de acordo com tais ações, vem a ser solucionada pela criança através de suas brincadeiras. É na atividade e, sobretudo, no brinquedo que a criança supera os limites da manipulação dos objetos que a cercam e se insere num mundo mais amplo.

O brinquedo é a atividade principal da criança, aquela em conexão com a qual ocorrem as mais significativas mudanças no desenvolvimento psíquico do sujeito e na qual se desenvolvem os processos psicológicos que preparam o caminho da transição da criança em direção a um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (LEONTIEV, 1998b).

É, portanto, na fase pré-escolar que o brinquedo se torna a atividade principal da criança, a qual se caracteriza como uma atividade cujo motivo reside no próprio processo e não no resultado da ação. A atividade da criança não a conduz a um resultado de modo que satisfaça suas reais necessidades, o motivo que a conduz a determinada ação é, na verdade, o conteúdo do processo real da atividade. Como um exemplo disso, podemos citar uma criança construindo com pequenos blocos de madeira. O alvo da brincadeira não consiste em chegar a um resultado final como montar uma pequena cidade com todos os detalhes que a caracterizam como tal, e sim no próprio conteúdo da ação, no “fazer” da atividade.

Numa situação de brinquedo, a imaginação da criança é, segundo Vygotsky (1998), uma atividade especificamente humana e consciente, que surge da ação. Em suas ações, a criança representa situações as quais já foram de alguma forma vivenciadas por ela em seu meio sociocultural, ou seja, a sua representação no brinquedo está muito mais próxima de uma lembrança de algo que já tenha acontecido do que da pura imaginação. Do mesmo modo, Leontiev (1998b) reitera que a ação numa situação de brinquedo não provém da situação imaginária, e sim da discrepância existente entre a operação e a ação, explicando que “não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela”. (p. 127)

Para o autor as condições da ação numa situação de brinquedo podem sofrer alterações, contanto que o conteúdo e a sequência da ação correspondam obrigatoriamente à situação real. Como um exemplo disso, podemos destacar uma criança brincando de “vendedor”. Nesse caso o produto que se destina à venda pode ser substituído, mas a sequência de ações que implica no ato de vender não pode ser modificado.

O prazer também pode ser reconhecido como um elemento presente na maioria dos brinquedos. Entretanto, para Vygotsky (1998), o brinquedo não pode ser definido somente pelo prazer que a atividade lúdica dá à criança, pois a criança pode ter mais prazer em outras atividades e porque, algumas vezes, o brinquedo envolve desprazer.

Vygotsky (1998) afirma também que uma brincadeira que interessa a uma criança de três anos pode não despertar nenhum interesse a uma criança de seis anos ou mais; isso ocorre porque a brincadeira não é uma atividade estática, ela evolui e se modifica na medida em que a criança cresce.

Outro aspecto importante a ser examinado na brincadeira infantil e sua função no desenvolvimento da criança é o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, ou “zona de desenvolvimento imediato”, em Vygotsky (2001).

o brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Para esse autor, o nível de desenvolvimento real refere-se a tudo aquilo que a criança já tem consolidado em seu desenvolvimento e que ela é capaz de realizar sozinha sem a interferência de um adulto ou de uma criança mais experiente. Já a “zona de desenvolvimento proximal” refere-se aos processos mentais que estão em construção na criança, ou que ainda não amadureceram. A “zona de desenvolvimento proximal” é, pois, um domínio psicológico em constantes transformações, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É nesse sentido que a brincadeira pode ser considerada um excelente recurso a ser usado quando a criança chega na escola, por ser parte essencial de sua natureza, podendo favorecer tanto aqueles processos que estão em formação, como outros que serão completados.

A criança quando brinca e o adulto não interfere, a mesma mergulha em sua própria atividade lúdica e organiza-se todo o seu ser em função da sua ação. E quanto mais a criança mergulha, mais estará exercitando sua capacidade de concentrar a atenção de descobrir, de criar e, especialmente de permanecer em atividade, ou seja, é a aprendizagem pelo sentir, e não para obter determinado resultado ou para possuir alguma

coisa. Sendo assim, cultivadas as qualidades raras e fundamentais tais como a autonomia e socialização, isto é, sem brincar, ela não vive a infância.

Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui. (Piaget, 1971, p. 28)

Através do brinquedo a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende da motivação interna e é nessa fase (idade pré-escolar) que ocorre uma diferenciação entre os campos de significado e de visão. O pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passa a ser regido pelas ideias, isto é, a criança poderá utilizar materiais que servirão para representar uma realidade ausente, por exemplo: um pedaço de madeira como uma espada, um boneco como filho no jogo de casinha, papéis cortados como dinheiro, para ser usado na brincadeira de lojinha, etc. Nesses casos ela será capaz de imaginar, abstrair as características dos objetos reais (o boneco, a madeira e os pedaços de papel) e se deter no significado definido pela brincadeira.

De acordo com as orientações curriculares (1997) as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de uma forma muito própria. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam o seu esforço para compreender o mundo em que vivem.

O exemplo citado acima mostra que a criança pode criar uma situação imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis, esta aliás, é a característica que define o brinquedo de um modo geral. Devemos nos limitar a seguir, a estimular, a explicar, sem impor nossa forma de agir, para que a criança aprenda descobrindo e compreendendo e não por simples imitação, sendo também que a participação do adulto seja somente em ouvir, motivá-la a falar, pensar, inventar.

O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos como xadrez, construção, de modo implícito ou explícito, o desempenho de habilidades definidas pela estrutura do próprio objeto e suas regras. (Kishimoto, 2000, p.32).

Dessa maneira a criança explora livremente o brinquedo, mesmo que não seja da maneira que não esperávamos, não podemos interromper o pensamento da criança ou atrapalhar a simbolização que a mesma está realizando.

O que é importante no brincar não é com o que a criança brinca, mas qual o significado que este brincar traz a ela e qual aprendizado a mesma irá obter com tal experiência. De acordo com Cerisara (2002), na brincadeira do período pré-operatório (02 a 07 anos), a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos, seja a partir de sua própria ação ou imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos com os quais produz novos sentidos e os compartilha.

De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil (RECNEI) (1998, p.23),

a escola deve compreender que, por um determinado tempo da história pedagógica, foi um dos instrumentos da imobilização da vida, e que esse tempo já terminou. A evolução do próprio conceito de aprendizagem sugere que educar passe a facilitar a criatividade, no sentido de repor o ser humano em sua evolução histórica e abandonando de vez a ideia de que aprender significa a mesma coisa que acumular conhecimentos sobre fatos, dados e informações isoladas numa autêntica sobrecarga da memória.

Sobre esse aspecto, entende-se que ensinar é um ato consciente e planejado, e tornar o indivíduo consciente, engajado e feliz. É preparar os seres humanos para o prazer de conhecer, é resgatar o verdadeiro sentido da palavra “escola”, local de alegria, prazer intelectual, satisfação e desenvolvimento. Para atingir esse fim, os educadores devem rever o conteúdo e a sua prática pedagógica, substituindo a teoria mecanicista pela alegria, pelo entusiasmo de aprender, pela maneira de ver, pensar, compreender e reconstruir o conhecimento.

O educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece espontaneamente, mas sim planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar. Dessa maneira, poderão elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (RCNEI, 1998, p. 29).

Muitos educadores confundem brincadeiras com “jogos didáticos”, as brincadeiras não devem ser adaptadas a conteúdos, ou seja, não pode ser considerado um

brinquedo, apenas simula um, pois não é espontâneo, nem usa o faz-de-conta. Na verdade, o uso da brincadeira em sala de aula é que os objetivos da atividade não podem ser determinados, diferente do jogo didático.

Nos jogos didáticos o adulto cria as regras, comanda a atividade e define o objetivo. Seu valor como instrumento de aprendizagem é indiscutível, a criança realmente pode aprender com ele, mas não substitui a brincadeira, podendo até confundir essas duas coisas e o professor pensar que usa o brinquedo em sala de aula quando não faz mais do que apresentar jogos didáticos. Enquanto a brincadeira não é dirigida, é apenas assistida e é com base nessa observação que o professor determina objetivos que serão alcançados em outras atividades. Isto é, a brincadeira é uma atividade informal que se desenvolve sem que haja investimento de objetivos pedagógicos. A brincadeira também se desenvolve dentro da família, das relações de comunicação, das relações de prazer na construção de um universo de vida cotidiana entre as crianças e os pais.

Para que o brinquedo seja significativo para a criança é preciso que tenha pontos de contato com a sua realidade. Através da observação do desempenho das crianças com seus brinquedos podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo. Bem como, guardar os brinquedos com cuidado pode ser desenvolvido através da participação da criança na arrumação feita pelo adulto, esse hábito constante e espontâneo dos pais e da professora ao guardar com zelo o que utilizou, faz com que a criança adquira automaticamente o mesmo hábito, ocorrendo inclusive satisfação tanto no guardar como no brincar.

Os professores podem guiá-las proporcionando-lhes os materiais apropriados mais o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma, permanecerá com ela. (PIAGET, 1975)

O brincar, na perspectiva dos professores, segundo o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI* (BRASIL, 1988), refere-se ao papel do professor de estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças, disponibilizando objetos, fantasias, brinquedos ou jogos e possibilitando espaço e tempo para brincar.

Diante as análises podemos salientar que os educadores devem oferecer a criança um ambiente de qualidade que estimule as interações sociais da criança, que seja um

ambiente enriquecedor da imaginação infantil, assegurando a sobrevivência dos sonhos, promovendo uma construção de conhecimentos vinculada ao prazer de viver.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida. (KAMII 1991, p.125).

O professor precisa priorizar o lúdico em sua prática pedagógica, valorizando a liberdade de aprender pelo mecanismo mais simples e mais eficiente: a brincadeira. Para atingir esse objetivo, ele deve conscientizar-se de que necessita realizar estudos e pesquisas sobre temas relativos à aprendizagem, buscar e testar novas estratégias de ensino que atendam adequadamente à necessidade de formação do aluno.

## SEÇÃO II BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL

### 2.1 O papel do lúdico na formação da identidade infantil

Atualmente, percebe-se uma maior preocupação com a formação da criança, tanto pais como educadores, visto que a influência do lúdico no desenvolvimento da criança vem ganhando maior destaque no meio educacional. Com isso torna-se fundamental a nós educadores um considerável estudo sobre essa influência que é exercida sobre o aluno através do brincar.

A formação humana, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança se tornam importantes a partir do momento em que as brincadeiras vão surgindo na vida delas, pois as mesmas têm a necessidade de fantasiar, de imaginar, de criar mundos. Nesse sentido, as brincadeiras pode ser um elemento primordial para que a criança possa aprender a se desenvolver, assim, possibilitando a conquista e a formação da identidade infantil.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a identidade "é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir e de pensar e da história pessoal" (p.67).

O ser humano, em todas as fases de sua vida, está sempre descobrindo e aprendendo coisas novas pelo contato com seus semelhantes e pelo domínio sobre o meio em que vive. Jogos, brinquedos e brincadeiras fazem parte do mundo da criança. Segundo Didonet (1994), o brincar antecede a humanidade.

Froebel (1912) apud Kishimoto (2002, p. 48) ratifica a relevância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. É desde o nascimento que é intensificado as primeiras manifestações da criança com o brincar, é o bebê brincando com seu próprio corpo, aonde vai se descobrindo, antes mesmo de brincar com algum objeto.

Neste estágio de desenvolvimento a criança vai crescendo como um ser humano que sabe usar seu corpo, seus sentidos, seus membros meramente por motivo de seu uso ou prática, mas não por busca de resultados [...]. Ela é totalmente indiferente a isso, ou melhor, ela não tem ideia sobre o significado disso. Por tal razão a criança neste estágio começa a brincar com seus membros – mãos, dedos, lábios, línguas, pés, bem como a expressões dos olhos e face.

Toda criança tem necessidade de brincar, isto é uma característica da infância. A função do brincar não está no brinquedo, no material usado, mas sim na atitude subjetiva que a criança demonstra na brincadeira e no tipo de atividade exercida, sendo essa vivência carregada de prazer e satisfação. Pois em cada etapa evolutiva da criança, o brincar vai se modificando, mas é essencial que ela tenha oportunidade de explorar todas as fases do brincar.

Kishimoto (2008) afirma que o brinquedo “é o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil”. É através do brinquedo que as crianças começam a agir como sujeito pensante, pois é usando a imaginação que ela atribui sentido ou sentidos aos objetos, daí a grande importância do brinquedo para o desenvolvimento do ser humano.

A brincadeira revela muito sobre o que sente e o que pensa a criança naquele momento. É através do simbólico que a criança representa como entende as pessoas, as coisas e as situações do seu cotidiano, ou seja, a criança brinca daquilo que vive.

A criança reproduz ao brincar uma situação real do mundo em que vive, extrapolando suas condições materiais reais com a ajuda do aspecto imaginativo. Para que a criança possa tornar real uma operação impossível de ser realizada na sua idade, ela utiliza-se de ações que possuem um caráter imaginário, o que faz de conta entra em cena, gerando uma discrepância [...] entre a operação que deve ser realizada (por exemplo, andar a cavalo, montar no cavalo etc.). Como a criança não pode usar o cavalo real, ela utiliza-se de um cabo de vassoura, por exemplo, como se este fosse seu cavalo. Isso ocorre porque a criança tem como alvo o processo e não a ação. (ARCE 2004, P.21 apud MARSIGLIA 2011, P. 45-46).

Marsiglia (2004, p.46) afirma que ao representar vários papéis, a criança sente-se em condição de desempenhar qualquer papel na vida real. Isso contribui em sua orientação profissional exerce influência significativa no desenvolvimento de suas capacidades.

Segundo Benjamim (1984, p. 75) o ato do brincar é uma atividade capaz de inculcar hábitos, pois é pelo jogo que nasce todo hábito. E a brincadeira tem a capacidade de atrair as crianças, até as mais inquietas, pois

a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas pelo ritmo de versinhos.

O ato de brincar, para Kishimoto (1999), vem a ser a concretização de regras e a criança brinca para controlar seus sentimentos, assimilando, assim, as emoções e sensações, tirando as provas do eu. Ela também complementa que é através das brincadeiras que os desejos das crianças são realizados, como habilidades são desenvolvidas e, ampliados conseqüentemente os seus conhecimentos, além de estabelecerem contatos sociais e levar a criança a compreender melhor o meio em que ela vive.

Atualmente podemos perceber que alguns brinquedos facilmente também podem interferir negativamente no comportamento da criança, pois alguns, como por exemplo, vídeo games destrutivos, bonecos de luta, enfatizam a violência. E como já vivemos numa sociedade com tantas desigualdades e exclusão social, isso por si só já se torna um gerador de violência, portanto se faz necessário que observemos com muito cuidado o que disponibilizamos para a brincadeira das crianças.

Huizinga (1940, p. 90), diz que para que o brinquedo seja ideal

ele precisa despertar a emoção da criança, estimular a imaginação, promover a construção do conhecimento, auxiliar na autonomia, na auto-estima, que possa explorar o lúdico, desenvolvendo a linguagem e respeitar a faixa etária da criança. O jogo e as brincadeiras são sempre situações em que a criança realiza, constrói e se apropria de conhecimentos das mais diversas formas. Dessa forma, o professor deve agir somente como mediador, observando a ação de cada criança e a partir daí poder interferir no momento certo.

O uso do brinquedo é fundamental para qualquer criança, mas eles devem ser utilizados como mais uma contribuição na formação do indivíduo, como ocorre em algumas escolas que usam brinquedos como auxílio no aprendizado das crianças.

Kishimoto (2008, p.36) afirma que o brinquedo deve ser

Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras, cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e materialização da função psicopedagógica: móveis destinados à percepção visual, sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora, parlendas para a expressão da linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica.

A brincadeira é uma ferramenta que também contribui bastante na formação do indivíduo, pois possibilita não só a interação, mas estimula a criatividade (imaginação), a aquisição da linguagem e, principalmente, o aprendizado cultural. Neste sentido, para Kishimoto (2002), “a brincadeira é o jogo infantil, não existindo diferença significativa em termos estruturais entre ambas as atividades” (p. 15).

O brinquedo, tem história, as vezes muito antigas. Afirma dessa forma Atzingen (2001) “ao conhecer esse universo mágico, descobrimos que o brinquedo é muito mais que entretenimento. É, acima de tudo, um processo cultural que forma, amplia e estabelece valores.” (p. 81 ).

É possível aprender brincando, pois com as brincadeiras será possível aprendermos a ganhar ou perder, a esperar, a ter autonomia, liderança e conseguir lidar melhor com as dificuldades e frustrações ocorridas ao longo do desenvolvimento da vida. Desenvolvimento esse que ocorre de maneira diferente em cada criança, por isso as atividades lúdicas devem ser elaboradas de acordo com os interesses das crianças de uma forma lúdica e participativa.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Volume: formação pessoal e social (BRASIL, 1998, p. 23), apresenta que quando a criança emprega a linguagem do faz-de-conta, ela está investindo na ampliação dos seus conhecimentos, que conseqüentemente enriquece sua identidade. Isso porque, ela pode experimentar outras formas de agir e pensar, pois ao realizar diversos papéis ou personagens que são vividos na sociedade, a criança expande sua aprendizagem sobre o mundo real.

Cunha (1994) define o ato do brincar de várias formas, trazendo algumas condições de se brincar. Pode-se brincar sozinho; brincar em coletivo: em grupo ou parceria. O brincar do faz-de-conta; O brincar em movimento: jogando, pulando, correndo, competido, etc. O brincar é uma atividade na qual aprendemos e, portanto, eminentemente pedagógica.

É no ato de brincar que a criança alcança a liberdade de criação, ou seja, ela utiliza sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu. Brincando a criança expressa toda a sua espontaneidade, experimenta, constrói com o brinquedo, aprende a dominar sentimento de angústia, a conhecer eu corpo, a fazer representações do exterior e progressivamente a agir sobre ele, controlando seus próprios limites.

Ainda Froebel (1992) apud Kishimoto (2002, p. 68), reafirmar que o tempo da brincadeira é o momento mais importante da infância, pois é através desta atividade espontânea, e prazerosa que a criança expressa suas necessidades internas.

[...] a brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz no mundo [...]. A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e dos outros [...]. Como sempre indicamos o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

Como vemos Froebel expressa na citação de Kishimoto, que a brincadeira é algo muito importante para a vida dos humanos de qualquer faixa etária, deixando essa falsa ideia de que a brincadeira é uma atividade banal, apenas um divertimento de criança. Hoje podemos percebê-la pelos estudos da psicogênese o quanto esta atividade é construtiva para o desenvolvimento integral da criança, e conseqüentemente, ajudando a construir identidades futuras.

Para Vygotsky (1984), ao tratar das situações imaginárias, a brincadeira do “faz de conta” tem grande importância para estimular o desenvolvimento cognitivo e afetivo, proporcionando assim a criatividade da criança. Por isso essa atividade é saudável trazendo diversas manifestações da criança, como traumas e conflitos. Seus pensamentos são do momento presente, como também do passado e até imaginando sensações futuras. Esta concepção traz o significado da atividade lúdica, como expressão de seu estado afetivo, contemporizando o estado emocional para as brincadeiras, os brinquedos, os jogos, os desenhos, e outros divertimentos culturais.

Brincar não só proporciona atividade física, lazer e diversão como também o desenvolvimento físico e a manutenção da saúde tanto para a infância quanto para a vida adulta diminuindo as chances de adquirirem doenças graves. Segundo KISHIMOTO (2002),

a brincadeira depende também do meio social ao qual a criança está inserida, sendo o primeiro deles a família. "A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar e continua com seus pares". (KISHIMOTO, 2002, p. 139).

Existem vários tipos de brincadeiras: as que fazem parte da cultura, que são transmitidas de pais para filhos, de geração em geração, como as brincadeiras de roda; as que são pensadas pelos educadores a fim de contribuir para o desenvolvimento motor das crianças, e as brincadeiras que são criadas espontaneamente pelas crianças, sem levar em consideração os objetos ou brinquedos utilizados. Todas essas brincadeiras têm uma característica em comum, surgem da relação dos seres humanos com a cultura local onde estão inseridos.

Algumas brincadeiras tradicionais dão continuidade e permanência na história e culturas passadas que foram sendo transmitidas de geração em geração, garantindo a presença do lúdico e das situações imaginárias. Contudo, cabe ao educador resgatar as brincadeiras tradicionais como forma de transmitir as tradições culturais dos antepassados às crianças. Como por exemplo: a amarelinha, o dominó, o pião, a bolinha de gude, o xadrez, o pula corda, etc. Podemos perceber que todo aprendizado que o brincar permite é fundamental para a formação da criança em todas as etapas da sua vida.

Nessa linha de pensamento, devemos resgatar os brinquedos e brincadeiras tradicionais, perpetuando a tradicionalidade, a cultura de nossos antepassados. “(...) A brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e emitir o prazer de brincar”. TIZUKO 1997 p: 38-39).

Nesta perspectiva, é de suma importância resgatar o lúdico como processo educativo, demonstrando que ao se trabalhar ludicamente, não se está abandonando a seriedade e a importância dos conteúdos a serem apresentados a criança, pois as atividades lúdicas são indispensáveis para o seu desenvolvimento e para a compreensão dos conhecimentos, uma vez que possibilita o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia e dos sentimentos. Por meio das atividades lúdicas, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, aceita a existência do outro, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente.

Dessa forma, não destacamos somente apenas a importância do brinquedo e das brincadeiras, mas a função, a implicação no desenvolvimento da formação infantil e sua contribuição com a prática do professor de educação infantil no processo de ensino/aprendizagem e acima de tudo, ampliar os pressupostos teóricos sobre o brincar, de forma que se possa repensar as práticas pedagógicas como educadores, dando mais prioridade ao brincar e ao lúdico nas salas de aula.

Contudo, é importante que o professor reflita não apenas seu planejamento para o desenvolvimento de brincadeiras, mas o de reformular seu olhar sobre os espaços, o tempo que proporciona para cada atividade e repensar sua intervenção no sentido de garantir o pleno desenvolvimento de suas crianças. Desta forma, é fundamental garantir a formação do professor e condições de atuação. Sendo assim, a decisão de se envolver no mundo mágico infantil seria o primeiro passo que o professor deveria dar. Explorar o universo infantil exige do educador conhecimento teórico, prático, capacidade de observação, afetividade e disposição de ser parceiro nesse processo.

Para Rojas (2007) há necessidade de o professor ampliar significativamente as vivências da criança com o ambiente físico, com brinquedo, brincadeiras e com outras crianças. O educador deve saber o benefício que cada brinquedo proporciona, cada fase do desenvolvimento exige brinquedos específicos, em todos os períodos do desenvolvimento a escolha dos brinquedos é de grande importância e deve despertar o interesse de pais e educadores. Assim, cabe ao professor valer o direito a brincadeira e conduzir de maneira correta e consciente, formando futuros cidadãos com valores morais, que saibam respeitar regras, que sejam autônomas e independentes.

É importante ressaltar que só é possível compreender os aspectos de uma criança se nela o educador reconhecer um pouco da criança que foi e que ainda existe em si, sendo possível ao educador redescobrir e reconstruir em si mesmo o gosto pelo lúdico, buscando experiências, brincadeiras de infância e adolescência que possa contribuir para uma aprendizagem lúdica prazerosa e significativa.

Portanto, considera-se que a brincadeira é uma ferramenta essencial de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, o brincar em todas as suas esferas é um elemento que contribui para a formação humana. Moyles (2006, p. 34) traz a seguinte interrogação: “ao observar o brincar das crianças temos certeza de que muita coisa acontece nesses momentos. Mas será que é aprendizagem? E será que as crianças precisam mesmo brincar (Woodhead, 1987)”. Então, Moyles, (2006, p. 35) conclui que muitos teóricos e educadores afirmam que sim, que realmente o brincar é um instrumento indispensável para a aprendizagem e crescimento infantil.

## 2.2 A influência do lúdico na formação de leitores

Para compreendermos as influências do lúdico na formação de leitores precisamos entender relações e significados de leitura, lúdico e brincar. Neste sentido, os significados do ato de ler, qual sua importância, ater-se apenas ao significado do dicionário, onde leitura significa o ato de ler, vai limitar muito a nossa compreensão. No nosso entender o ato de ler está para além do que está escrito com palavras. É muito mais e tem a ver com a maneira com que cada pessoa interpreta os diferentes textos que se apresentam e do seu grau de conhecimento acerca do mundo e da leitura.

Alguns podem afirmar que leitura é apenas o ato de ler, decodificar palavras, outras já poderão ter uma visão mais ampla, afirmando que leitura não é apenas o ato de decodificar palavras, mas sim o ato de poder ler nas entrelinhas, ver numa leitura o que não está escrito. Um analfabeto, por exemplo, pode não saber ler palavras, mas pode saber ler os sinais do tempo, as expressões no rosto de alguém, ou seja, realizar outros tipos de leituras.

ALMEIDA (2009), expõe que para Paulo Freire ler "não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive." (p. 30).

Brincar também é uma palavra de origem latina, vem de *vinculum* que quer dizer laço, e é derivado do verbo *vincire*, que significa prender, seduzir e encantar. Com o tempo *vinculum* tornou-se brinco e originou o verbo brincar, sinônimo de diversão, já o termo lúdico se origina do latim *ludus* e tem o significado original associado à brincadeira, ao jogo e ao divertimento, sendo atribuído o reconhecimento como elemento importante ao desenvolvimento humano.

A palavra "lúdico" significa brincar. Nesse brincar estão incluídos os jogos, brinquedos, as brincadeiras e o prazer proporcionando tal experiência. Já Brinquedo é tudo o que for utilizado para o uso da brincadeira, algo que a criança se envolve, emocionalmente, e interage de forma viva e real. O brinquedo convida a criança para brincar, para se divertir, no entanto, para que os brinquedos provoquem desafios, devem estar adequados ao interesse, necessidade e capacidade, especificados pela faixa etária da criança. Assim será um estímulo e trará maior benefício para o desenvolvimento infantil.

Já a brincadeira refere-se, basicamente, a ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada. Por exemplo: quando a criança

brinca de faz de conta (papai e mamãe, de fazer compras) ela está usando o seu imaginário e imitando o real.

Segundo KISHIMOTO (2010, p 37) “as brincadeiras podem ser o elemento chave para a estimulação linguística”. Assim, o leitor, através do brincar e da brincadeira, começa a se formar mesmo antes de entender ou conhecer as letras, as sílabas e de formar palavras. São os estímulos oriundos do ambiente onde está inserido que colaboram para um melhor aprendizado da leitura. Escolas, professores e pais que utilizam esses métodos alcançam melhores resultados, pois transformam o ato de ler em algo prazeroso. Não importa a época, o povo ou lugar, o brincar e a brincadeira serão sempre ferramentas importantes para o aprendizado e o desenvolvimento da formação do leitor.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 2000, p.12).

Cabe ainda ressaltar que o brinquedo e a brincadeira não estão relacionados somente com a questão do incentivo à leitura e a formação do leitor, mas a tudo que diz respeito à formação do indivíduo na sua completude. O aprendizado da criança acontece sobretudo, por meio de ações educativas que começam em casa, no ambiente familiar.

Segundo PIAGET (1971), “o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer”. (p. 61). Ou seja, para o autor o brincar é o principal modo de expressão da infância e uma das atividades mais importantes para que a criança se constitua como sujeito da cultura.

A relação da criança com o mundo da leitura começa muito cedo. Ela sabe ler, não a leitura formal, a leitura da escrita, mas sabe ler o mundo à sua volta. Por exemplo, quando uma criança chora e a mãe vem a seu encontro ali a criança descobre que chorar será um recurso para chamar a atenção e fará isso sempre que sentir necessidade. A criança começa a se envolver com o universo das letras no momento em que, mesmo sem saber ler, mantém contato com livros, com o colorido deles e suas imagens. Ela pode ser capaz de ler o mundo através de sua imaginação. Desde cedo é interessante ler para as crianças, para criar nelas o gosto pela leitura. Os brinquedos e a brincadeira são um dos fatores que influenciam e facilitam esse processo. Porém é preciso que os educadores conheçam estratégias de leitura para proporcionar à criança uma experiência lúdica que mostre o prazer do contato com os livros, o desenvolvimento das mesmas é outro quando se une leitura e brincadeiras.

O brinqueado e as brincadeiras são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança, além disso, estimula a inteligência, faz com que a criança solte sua imaginação, desenvolva a criatividade e fortaleça seu processo de sociabilidade. Neste sentido, segundo WINNICOTT (1975), o contato com diferentes objetos e diferentes situações estimula também a linguagem interna e o aumento do vocabulário. O entusiasmo da brincadeira faz com que a linguagem verbal torne mais fluente e haja maior interesse pelo conhecimento de palavras novas. Ou seja, a variedade de situações que o brinqueado possibilita pode favorecer a aquisição de novos conceitos.

Brincar instiga a criança a dar asas à sua imaginação, e é também, um motivo a mais para que ela se interesse pela leitura. Porém não é interessante forçar crianças a gostarem de ler, crianças não são iguais, não pensam iguais. Uma criança pode ser mais facilmente influenciada pelos pais ou professores a ter interesse pela leitura, enquanto que outra terá mais dificuldade. Segundo MACHADO (2003),

[...] Cada criança é um ser humano único, dentro do seu processo particular de desenvolvimento. Nunca uma criança de três anos será igual à outra criança de três anos, nem essas duas crianças serão fiéis à descrição encontrada nos livros da típica criança de três anos. Cada indivíduo traz dentro de si uma realidade emotiva, física, genética, cognitiva... O que também significa que brinquedos e brincadeiras ótimas para a primeira criança de três anos podem não ser interessantes para a segunda.

Muitas vezes, o primeiro contato de uma criança com um livro pode vir a ser até mesmo traumático. Este é o desafio dos educadores atualmente: tornar a leitura um hábito prazeroso e não uma prática entediante e chata. É nesse sentido que os livros bem ilustrados podem trazer benefícios ao futuro das crianças: as cores, as formas e os desenhos podem despertar a curiosidade e tornar a leitura (do conto ou fábula, por exemplo) algo divertido, inserindo-as, pouco a pouco, no mundo das palavras de forma prazerosa, e, sem dúvida, quanto mais atenção dermos à inserção do livro na vida dos pequenos, maior será a chance de despertarmos neles o gosto pela leitura.

## SEÇÃO III TIPOS E ENFOQUES DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### 3.1 Análise de conteúdo: significados nessa pesquisa

A história do brinquedo, segundo teóricos vem desde a pré-história e existem registros de brinquedos de diversas culturas, levando-nos a pensar como é natural o brincar para o homem, sobretudo, para a criança. Os brinquedos tiveram seu surgimento nas oficinas de entalhadores em madeiras, mas é a partir da Segunda Guerra Mundial que houve maior utilização do brinquedo, principalmente os de plástico.

Os brinquedos vêm mudando com o tempo e com a revolução industrial ele passa de artesanal para ser produzido em fábricas especializadas e nos dias atuais, podemos encontrar uma diversidade de brinquedos: industrializados, artesanais, elétricos e eletrônicos.

A educadora Adriana Friedmann, autora dos livros *A Arte de Brincar* e *Desenvolvimento da Criança através do Brincar*, explica que o "brincar" deve ter lugar prioritário na vida da criança. "Brincar é fundamental na infância por ser uma das linguagens expressivas do ser humano. Proporciona a comunicação, a descoberta do mundo, a socialização e o desenvolvimento integral", afirma.

De acordo com a educadora, o "brincar" é composto por vários elementos: uma estrutura (começo, meio e fim), os meios (como brincar), os fins (por que brincar), o conteúdo (a temática da brincadeira), as regras, o espaço, o tempo, os brinquedos, os parceiros e um comportamento lúdico (ações e reações daqueles que brincam). Historicamente o homem sempre brincou, através dos diversos povos e culturas e no decorrer da história, sem distinção, nas ruas, praças, feiras, rios, praias, campos. Mas, ao longo do tempo, as formas de brincar, os espaços e tempos de brincar, os objetos de brincar e as brincadeiras foram se transformando.

A criança tende a brincar com vários brinquedos. Muitas vezes o ato de brincar é curto em decorrência a várias brincadeiras, é no brinquedo que a criança começa a agir numa esfera cognitiva. Os pequenos querem satisfazer seus desejos, mas estes nem sempre são saciados. Conforme. (Vygotsky 2007, p. 108)

A tendência de uma criança muito pequena é satisfazer seus desejos imediatamente. Entretanto, os brinquedos devem representar desafios para a criança e devem estar adequados ao seu interesse e suas necessidades criativas, pois eles são

convites ao brincar, desde que a criança tenha vontade de interagir com eles, pois os mesmos exercem uma forte influência na formação da personalidade infantil, associando às necessidades das crianças durante a infância, ou seja, a tentativa de uma criança muito pequena é de satisfazer seus desejos imediatamente.

Como as brincadeiras usam a linguagem das crianças, estas prestam atenção e aprendem de forma divertida sem perceber o ensinamento. O mundo imaginário estimula a criança a pensar sobre o que acontece em sua volta e faz com que o aprendizado se torne imediato.

Para Vigotsky (1979, p. 45), a criança aprende muito ao brincar. O que aparentemente ela faz apenas para distrair-se ou gastar energia é na realidade uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social, psicológico. Percebemos através das palavras do autor a importância da brincadeira na vida da criança e a necessidade que a criança tem de ser respeitada enquanto brinca, pois, seu mundo é mutante e está em permanente oscilação entre fantasia e realidade.

Um brincar que é amplo onde inclui brinquedos, brincadeira e fantasia. A ação de brincar e o interesse da criança envolvem sua faixa etária, seu desenvolvimento sócio afetivo, seus hábitos culturais. Há brinquedos que são totalmente aceitos não importando muito o material que são feitos, o tamanho e seu valor, o que importa é que a criança brinque e experimente os mais variados tipos de brinquedos.

O brincar ajuda a criança a resolver também as questões de comportamento, pois ela coloca esses problemas na brincadeira, desenvolvendo assim seu modo de agir. Exemplo disso é o não compartilhamento de brinquedos, a criança é egoísta, não divide nada. É importante fazer com que a criança brinque com situações cotidianas com as quais ela precisa lidar.

Brincar propicia o trabalho com diferentes tipos de linguagens, o que possibilita a transposição e a representação de conceitos elaborados pelo adulto para os educandos. Educar nessa perspectiva, é ir além da transmissão de informações ou colocar à disposição do educando apenas um caminho, limitando a escolha a seu próprio conhecimento. (RAU, 2011, p. 38)

O brinquedo é influenciado pela idade, sexo e presença de companheiros, além dos aspectos ligados a novidade, surpresa, complexidade e variabilidade. A criança pode brincar só, perto de companheiros, alcançando ou não grau elevado de cooperação para atingir um objetivo comum. Enfim os brinquedos servem de intermediários para que a criança consiga integrar-se melhor ao mundo em que vive, ao brincar em grupos ou até

mesmo sozinhas as crianças fazem de suas brincadeiras uma verdadeira prática social e nessa prática aprendem a contar, a jogar, a distinguir e organizar suas ideias e suas vidas. Vale ressaltar que a brincadeira pode se tornar satisfatória quando o uso dos brinquedos busca tendências imaginárias e a criança se socializa através da integração dela com os objetos e o ambiente cultural que a rodeia.

Dentro desta concepção, Kishimoto (1999) apresenta uma visão contemporânea na qual entende que a imagem de infância é enriquecida com auxílio de concepções, psicológicas e pedagógicas que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil.

Segundo Kishimoto (1996) os brinquedos devem ser comprados de acordo com a idade, a capacidade e a área de interesse da criança. O mesmo classifica os brinquedos como:

- Brinquedos de berço: móveis, chocalhos, bichinhos de vinil, brinquedos para olhar, ouvir, pegar e morder são valiosos para a estimulação sensorial e motora da criança.
- Brinquedos do faz de conta: funcionam com elementos introdutórios e de apoio a fantasia, aumentam o repertório de conhecimento da criança, favorecem a compreensão de atribuições e de papéis.
- Brinquedos Pedagógicos: costuma-se chamar brinquedos pedagógicos ao que foi fabricado com o objetivo de proporcionar determinadas aprendizagens tais como: cores, formas geométricas, números, letras, etc.
- Brinquedos de construção: servem para enriquecer a experiência social, estimulando a criatividade e desenvolvendo habilidade na criança.
- Brinquedos tradicionais: estes são afiliados ao folclore, enquanto manifestações livres e espontâneas da cultura popular a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivências sociais e permitir o prazer de brincar.

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam acontecimentos, sabendo que estão brincando, assumem papéis enquanto brincam e agem frente à realidade de maneira não literal. A brincadeira favorece a auto-estima das crianças e interiorizam determinados modelos no âmbito de grupo social. É brincando que a criança irá, pouco a pouco, aprendendo a se conhecer melhor e a aceitar a existência dos outros,

organizando suas relações emocionais e conseqüentemente estabelecendo suas relações sociais.

Outro aspecto importante a ser examinado na brincadeira infantil e sua função no desenvolvimento da criança é o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, ou “zona de desenvolvimento imediato”, em Vygotsky (2001).

O brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Para Vygotsky, o nível de desenvolvimento real refere-se a tudo aquilo que a criança já tem consolidado em seu desenvolvimento, e que ela é capaz de realizar sozinha sem a interferência de um adulto ou de uma criança mais experiente. Já a “zona de desenvolvimento proximal” refere-se aos processos mentais que estão em construção na criança, ou que ainda não amadureceram. A “zona de desenvolvimento proximal” é, pois, um domínio psicológico em constantes transformações, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É nesse sentido que a brincadeira pode ser considerada um excelente recurso a ser usado quando a criança chega na escola, por ser parte essencial de sua natureza, podendo favorecer tanto aqueles processos que estão em formação, como outros que serão completados.

Analisando-se também as condições das crianças nos aspectos emocionais, afetivos, socioeconômicos e cognitivos das crianças de zero a seis anos, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução - volume 1, declara como um dos princípios fundamentais “o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão de pensamento, interação e comunicação infantil” (BRASIL, 1998 p.13).

A brincadeira é algo que não sai do plano da imaginação. Ao brincar a criança tem o comando da linguagem simbólica, havendo consciência da distinção entre a brincadeira e a realidade. Ao abraçar outros papéis na brincadeira, as crianças agem em relação à realidade de maneira não rigorosa, ou seja, modificando temporariamente sua identidade e seus atos cotidianos por ações e predicados do papel assumido na representação, substituindo também objetos por diversas coisas imagináveis.

O simbólico é uma forma de assimilação das ações. Com a linguagem, onde só a própria criança fala, consigo mesma, acontecendo lentamente

de acordo a associação que a criança consegue fazer de suas ações e com palavras, demonstrando isso através do brincar, imitações de pessoas e para a satisfação de suas necessidades e pedidos, preparando a criança para novas descobertas e auxiliando-os a enxergar o mundo como ele realmente é adaptando-os à realidade (COSTA, 2003 p. 25).

A brincadeira beneficia a auto-estima das crianças, fazendo com que a criança vá além, amparando-as em suas aquisições formas criativas de superação. As crianças ao brincar vão modificando seus conhecimentos já adquiridos, formando novos conceitos. Ao tomar um papel numa brincadeira, ela deve ter conhecimento de alguma característica, que se remete a alguém ou a algo que conhece pelas experiências vividas tanto na família ou em outros ambientes.

Na visão de Lima (2007, p. 7), “a brincadeira infantil é uma forma de perpetuar para a espécie as atividades necessárias ao desenvolvimento da infância”. O autor dispõe que a brincadeira de criança, como o faz-de-conta e as de fantasias, é uma forma de fortificar as atividades necessárias para o desenvolvimento infantil.

As brincadeiras imaginativas têm grande significado, pois é a própria criança a criadora. É, portanto, nessa brincadeira que são melhores ampliados os pensamentos das crianças em resolver problemas, criando-se um ambiente no qual elas podem internalizar uma concepção especial sobre afetividade, pessoas e vários conhecimentos e, assim, percebem o mundo.

De acordo com OLIVEIRA (1995, p.36) “no brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende; objeto e significado”. Ou seja, a brincadeira possibilita a ação com significados, além disso, as situações imaginárias fazem com que as crianças sigam regras, pois cada faz-de-conta supõe comportamentos próprios da situação, ao brincar com um tijolinho de madeira como se fosse um carrinho por exemplo, ela se relaciona como o significado em questão (a ideia de carro) e não com o objeto concreto que tem nas mãos.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experimentos que são distintos, que implica pelo uso do material escolhido ou dos recursos existenciais. Segundo Smith 2006, são agrupadas três modalidades fundamentais: brincar de faz-de-conta (avaliado como básico pela qual se produzem as outras), brincar com materiais de construção e brincar com regras.

Na instituição infantil, temos o adulto, na pessoa do professor responsável por auxiliar e ao mesmo tempo estruturar o espaço para as crianças poderem brincar. O

professor precisa compreender que é na brincadeira, que as crianças recriam e firmam seu conhecimento em seus mais diferentes campos, em uma atividade livre e imaginativa.

De acordo com Smith (2006) Piaget diferencia o brincar em três tipos: brincar prático; brincar simbólico e jogos com regras, sendo que cada tipo corresponde à uma faixa etária da criança, como mostra a tabela abaixo. Portanto, a criança da Educação infantil está na fase do brincar simbólico.

Tipos do brincar segundo Piaget (1951) citado por Peter Smith (2006, p. 25).

Brincar prático	Sensório-motor e exploratório	Principalmente dos 6 meses aos 2 anos
Brincar simbólico	O faz-de-conta, de fantasia e sociodramático	Dos 2 ou 3 anos até os 6 anos
Jogos com regras	Caracterizam as brincadeiras (jogos) que envolvem regras.	A partir dos 6 ou 7 anos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) trazem um trecho de Machado (2001), no qual o autor afirma que as crianças estão em uma fase que são profundamente dependentes do adulto. Por tanto, através dessa concepção, entendemos que elas necessitam intrinsecamente para a sua sobrevivência serem cuidadas e educadas, é o que recomendam os parâmetros.

Ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas; ser atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas; ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida. (BRASIL 2006, p.18)

Para além dessas indicações são necessárias outras condições que possibilitaram a sobrevivência da criança, fortalecendo seu desenvolvimento, para que o cuidar/educar sejam realizados é preciso proporcionar-lhes a cultura de significados de mundo. Para isso é preciso amparar a criança em suas ações voluntárias e partindo para incentivá-la a:

brincar; movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão; ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas; diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil. (BRASIL 2006, p.19).

Ao indicarem os teóricos da educação e as políticas públicas nacionais pelos Referenciais, Parâmetros e Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil que a brincadeiras em todas as suas categorias está como uns dos princípios fundamentais para a prática da educação da infância.

Curtis (2006) enfatiza que “no mundo todo, os pais aceitam o fato de que as crianças brincam, mas poucos realmente acreditam que essa é a maneira pela qual seus filhos aprendem”. E concluiu que

na maioria das culturas, incluindo a nossa, a maioria dos pais tem dificuldade em aceitar que, durante o brincar, as crianças estão aprendendo muitas habilidades e conceitos. Para a maioria deles, o brincar é visto como algo que as crianças fazem para se manter ocupadas enquanto os adultos estão ocupados em outro lugar. Mesmo aqueles que compreendem o seu valor e passam consideráveis períodos de tempo brincando com os filhos, têm dificuldades em compreender que o brincar tem um lugar importante no currículo dos primeiros anos. (CURTIS, 2006, p.48-49).

Brincar tem um viés que vai muito além da simples fantasia. Enquanto um adulto vê apenas uma criança empilhando bloquinhos, para o pequeno aquilo significa experimentar as possibilidades de construir e conhecer novas cores, formatos e texturas. Ou seja, para a criança, brincar é um processo permanente de descoberta.

Segundo WINNICOTT (1975) “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua libertação de criação...”

Brincar livremente é o maior compromisso de uma criança. Ela necessita ter seus momentos de lazer, cair, escorregar, machucar o joelho, ralar os cotovelos, tirar o tampão do dedo, ou seja, este é o mundo natural e a criança precisa conhecê-lo.

É observando, olhando, conhecendo, tocando, manipulando e experimentando que se vai construindo conhecimento. Neste jogo o da busca do conhecimento, onde se pode brincar, jogar e estabelecer um espaço e tempo mágico, onde tudo é possível, um espaço confiável, onde a imaginação pode desenvolver-se de forma sadia, onde se pode viver entre o real e o imaginário, este é o lugar e tempo propício para crescer e produzir conhecimento. "O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando." (FERNANDEZ, 1990, p. 165).

O verbo brincar nos acompanha diariamente, sempre foi e sempre será uma atividade espontânea e muito prazerosa, acessível a todo ser humano de qualquer faixa etária, classe social ou condição econômica.

O brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcado ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e compartilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio de relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. (Borba 2007, p.33).

É importante para a criança brincar, pois ela irá se desenvolver por relações cotidianas, e assim vai construindo sua identidade, a imagem de si e do mundo que a cerca.

Ainda, segundo WINNICOTT (1975) o brinquedo espontâneo pode ser considerado sob dois aspectos:

Auto Expressão	Auto Realização
São as atividades livres, construções, dramatizações, musicas, artes plásticas, etc.	É o brinquedo organizado, ou seja, aquele que tem uma proposta e, portanto requer determinado desempenho.

Brincar não é ficar sem fazer nada, como pensam alguns adultos, pois ensina a criança a viver. No entanto alguns pais, só se preocupam com aprendizagens formais, ansiosos com a maturação cognitiva da criança. Diante disso, eles acabam impedindo e desrespeitando as suas brincadeiras, numa expectativa de vê-los disciplinados e responsáveis.

Brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidade de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades básicas da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo. (Maluf 2003, p.9).

Brincar é o trabalho da criança, coisa muito séria, atividade através da qual ela se desenvolve, descobre seus limites, experimentam novas habilidades e forma um novo

conceito de si mesma, assim desenvolvendo suas potencialidades. Os desafios que estão ocultos no brincar fazem com que a criança pense e alcance melhores níveis de desempenho.

É importante salientar, segundo Friedmann, algumas definições, de brincadeira, jogo, brinquedo e atividade lúdica.

A brincadeira refere-se, basicamente, à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar; atividade lúdica abrange, de forma mais ampla, os conceitos anteriores. (Friedmann1998, p.12).

O brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira, isto é qualquer “coisa“ que a criança utiliza para brincar. A criança é que determina a ludicidade, ou seja, ela é quem propõe o grau de envolvimento com o brinquedo, que tipo de jogo vai desenvolver e qual o objeto brincar.

Friedmann enfatiza que o jogo infantil pode ser analisado sob diferentes enfoques:

- Sociológico: a influência do contexto social no qual os diferentes grupos de criança brincam;
- Educacional: a contribuição do jogo para a educação, desenvolvimento e aprendizagem da criança;
- Psicológico: o jogo como meio para compreender melhor o funcionamento da psique, das emoções e da personalidade dos indivíduos, na clínica ele é utilizado basicamente para a observação das diversas condutas e para a recuperação (ludoterapia).
- Antropológico: a maneira como o jogo reflete, em cada sociedade, o costume e a história de diferentes culturas;
- Folclórico: analisando o jogo como expressão da cultura infantil através das diversas gerações, bem como as tradições e costumes através dos tempos nele refletidos. (Friedmann1998, p.11-12).

Quando brinca a criança está lidando com sua realidade interior e sua tradução livre da realidade exterior. A brincadeira representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa

ordem social e num mundo culturalmente simbólico, é brincando que a criança utiliza concentração durante grande quantidade de tempo, desenvolve iniciativa, imaginação e interesse. É o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, o emocional e a estrutura corporal da criança.

Segundo os autores Lima (2007) e Kishimoto (1996) dizem que as brincadeiras potencializam a criança a explorar seus conhecimentos. Na medida em que os professores trabalham em cima das brincadeiras, percebe-se que as aulas ficam mais significativas para os alunos.

É de extrema importância que o professor também participe e que proponha desafios em busca de uma solução e de participação coletiva, o papel do educador neste caso será de incentivador da atividade. A intervenção do professor é necessária e conveniente no processo de ensino-aprendizagem, além da interação social, ser indispensável para o desenvolvimento do conhecimento.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, v.01):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, de respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil: introdução, 1998, p. 23).

Por isso o educador é a peça fundamental nesse processo, devendo ser um elemento essencial. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades interna e externa da criança.

Smole (2000) salienta em sua obra que

o professor deve participar junto com os alunos, pois, ao fazer isso está demonstrando prazer, o professor será encarado pelas crianças como um companheiro mais experimentado, além de servir como modelo para elas, já que ele sabe como brincar. (Smole 2000, p. 19)

Ao assumir a função lúdica e educativa, a brincadeira propicia diversão, prazer, potencializa a exploração e a construção do conhecimento. Brincar é uma experiência fundamental para qualquer idade, principalmente para as crianças da Educação Infantil.

Dessa forma, a brincadeira já não deve ser mais atividade utilizada pelo professor apenas para recrear as crianças, mas como atividade em si mesma, que faça parte do plano de aula da escola.

Segundo FREINET (1975, p.38) “o professor deve ter sensibilidade de atualizar a sua prática”. Dessa maneira, o autor com essas colocações propõe o professor a pensar sobre sua prática visualizando a necessidade de uma constante atualização, isto é, reflexão essa que o autor e também educador já fazia nos anos vinte do século passado, propondo uma mudança na escola que considerava teórica demais, fazendo inclusive sugestões como o uso de: jogos pedagógicos, trabalho em grupo, aulas passeio, jornal escolar, entre outras.

Defendia ainda a ideia de que a escola deveria ser um lugar bastante alegre com atividades prazerosas, com brincadeiras atrativas para o entusiasmo e desenvolvimento do educando.

Portanto, cabe ao educador criar um ambiente que reúna os elementos de motivação para as crianças. Criar atividades que proporcionam conceitos que preparam para a leitura, para os números, conceitos de lógica que envolve classificação, ordenação, dentre outros. Motivar os alunos a trabalhar em equipe na resolução de problemas, aprendendo assim expressar seus próprios pontos de vista em relação ao outro.

De acordo com FREIRE (1996, p.67) “saber que deve respeito à autonomia e identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente”. Essas palavras nos leva a refletir sobre a importância de uma prática pedagógica voltada a valorização e respeito da individualidade do aluno.

É importante destacar também, que o educador goste do que faz e saiba justificar a utilização do lúdico em seus objetivos; que tenha um planejamento detalhado prepare seus alunos para os jogos, saiba inventar, recriar situações, encorajar-se para pesquisa e a realização de cursos. O mesmo também deve estar direcionado para a qualidade das brincadeiras e dos jogos propostos, no sentido de que, não é qualquer brincadeira ou atividade que promoverá o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e psicológicas dos alunos.

É fundamental lembrar que ao brincar o aluno alimenta sua vida interior, liberando assim sua capacidade de criar e reinventar o mundo, proporcionando a aquisição de novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades de forma natural e agradável. É uma das necessidades básicas da criança, é essencial para o desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo.

Quando a escola não tem um espaço para a recreação torna-se necessário que os professores criem este espaço. Friedmann, enfatiza que:

Na escola é possível planejar os espaços de jogo. Na sala de aula, o espaço de trabalho pode ser transformado em espaço de jogo, podem ser desenvolvidas atividades aproveitando mesas, cadeiras, divisórias, etc., como recursos. Fora de sala, sobretudo no pátio, a brincadeira “corre solta” e a atividade física predomina. (1998, p.16)

Ao estimular o lúdico os professores também incentivam valores essenciais ao ser humano, como: obedecer e respeitar as opiniões alheias e saber conviver num ambiente harmonioso, afetividade, socialização, cooperação, interesse, participação, valores morais, éticos, respeito, iniciativa, liberdade, responsabilidade, solidariedade, companheirismo.

Várias são as razões que justificam os educadores recorrerem às atividades lúdicas e a utilizá-las como um recurso no processo de ensino-aprendizagem:

- As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança, e neste sentido, satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica;
- O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário;
- As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento.

Em geral, o elemento que separa um jogo pedagógico de um outro de caráter apenas lúdico é este: desenvolve-se o jogo pedagógico com a intenção de provocar aprendizagem significativa, estimular a construção de novo conhecimento e principalmente despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória, ou seja, o desenvolvimento de uma

aptidão ou capacidade cognitiva e apreciativa específica que possibilita a compreensão e a intervenção do indivíduo nos fenômenos sociais e culturais e que o ajude a construir conexões.

Segundo Redin (2000):

A criança que joga está reinventando grande parte do saber humano. Além do valor incontestado do movimento interno e externo para os desenvolvimentos físicos, psíquicos e motor, além do tateio, que é a maneira privilegiada de contato com o mundo, a criança sadia possui a capacidade de agir sobre o mundo e os outros através da fantasia, da imaginação e do simbólico, pelos quais o mundo tem seus limites ultrapassados: a criança cria o mundo e a natureza, o forma e o transforma e, neste momento, ela se cria e se transforma (p.64).

O mundo da fantasia, da imaginação, do jogo, do brinquedo e da brincadeira, além de prazeroso também é um mundo onde a criança está em exercício constante, não apenas nos aspectos físicos ou emocionais, mas, sobretudo no aspecto intelectual.

Dentre outras características o lúdico aplicado em sala de aula devem:

- Estimular a imaginação infantil;
- Possuir força socializadora, ajudando no processo de interação social;
- Auxiliar na aquisição da auto-estima;
- Liberar a emoção infantil;
- Facilitador de aprendizagem.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. A educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade.

Macedo (2005) apresenta cinco indicadores que permitem interferir a presença do lúdico nos processos de aprendizagem e desenvolvimento:

1. Terem prazer funcional;
2. Serem desafiadores;
3. Criarem possibilidades ou disporem delas;
4. Possuírem dimensão simbólica e;
5. Expressarem-se de modo construtivo ou relacional.

Assim, é importante percebermos que as crianças estão sempre dispostas a jogar e brincar e que, dessa forma, cabe ao educador propor atividades que promovam essa

motivação, que envolvam os alunos e o conhecimento, proporcionando uma aprendizagem de qualidade. A ludicidade faz parte da nossa vida, especialmente no período da infância e constitui-se num fator indispensável para a educação. O lúdico permite, por meio de suas características, um aprender dinâmico e crucial na aprendizagem, pois ao brincar a criança desenvolve o pensamento lógico matemático, verbaliza suas ações através da emoção de viver e a representação de sua brincadeira. O brincar é experimentar, é ensaiar para a vida real, propiciando a criança construir o seu próprio conhecimento.

É de fundamental importância, tomarmos consciência de que a atividade lúdica ajuda a criança a ordenar o mundo à sua volta, assimilando experiências e informações, incorporando atividades e valores. O brincar permite que o aprendiz tenha mais liberdade de pensar e de criar para desenvolver-se plenamente. Enfim, brincar é aprender, aprender é brincar.

O brinquedo pode conter uma série de significados para a criança, mesmo que ela não o use, não ligue para ele, ou ele já esteja surrado e quebrado. Ele pode ser um amigo, um conforto, uma segurança e desse modo ela pode não ter condições ou vontade de se desfazer do brinquedo num determinado momento. O que nada tem a ver com ser ou não ser egoísta.

Algumas questões polêmicas surgem quando se fala desta relação do brincar. São elas:

- Menino pode brincar de boneca e menina de bola? Alguns pais ficam aflitos com esta questão, pois acreditam que a sexualidade será definida a partir desta escolha. Neste caso, é bom informar que a criança irá definir sua sexualidade a partir do contexto que vivenciam. Da forma como pai e mãe se relacionam, de como o papel masculino e feminino lhe são apresentados no cotidiano, como estes pais se relacionam com a criança, de como esta criança vai sendo criada.
- Arma de brinquedo produz agressividade? Agressividade é um sentimento que todos nós temos e culturalmente lidamos mal. Normalmente a associamos com violência, ou a vemos apenas pelo seu aspecto destrutivo. Não nos damos conta de que precisamos dela para procurar um emprego, para comermos, para criarmos, para fazermos um artigo para o jornal, etc. Quando uma criança diz que está com raiva, logo o adulto diz: "Você não gosta de mim não?" Como se uma coisa fosse impeditiva da outra.

- Uso de vídeo-game e computador ajuda ou atrapalha no desenvolvimento da criança? O excesso atrapalha. Uma criança que passa várias horas na frente do computador acaba não se relacionando com outras coisas e pessoas que são importantes para um desenvolvimento melhor. O bom é que ela possa ter condições de fazer várias experiências para ter uma visão de mundo mais ampla.

É preciso também que o adulto esteja atento ao uso dessa criança na internet, por exemplo, onde ela tem acesso a todo tipo de informação e de pessoas, o cuidado e avaliação constantes do adulto devem caminhar no sentido de auxiliar a criança a desenvolver senso crítico. A realidade deve ser apresentada à criança aos poucos na medida de suas possibilidades, necessidades e etapa evolutiva.

Infelizmente as crianças hoje entendem por brincadeira os jogos eletrônicos, ficando as mesmas sem se movimentarem, onde se tornam sedentárias e obesas. Esqueceram-se do prazer que proporciona as brincadeiras tradicionais como, por exemplo, pular corda, elástico, pique alto, esconde-esconde, passar anel, mar vermelho, etc, que fazem com que as crianças se movimentem a todo tempo, gastando energia e dando liberdade para criar proporcionando alegria e prazer.

Segundo TIZUKO (1997, p. 38-39) “A brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e emitir o prazer de brincar”.

A utilização de brinquedos e brincadeiras em uma visão pedagógica estimula o desenvolvimento psicomotor, emocional, afetivo, cognitivo entre outras áreas de aprendizagem, mas é preciso que se identifiquem as necessidades individuais de cada aluno para que possa estabelecer uma estratégia para ajudar o mesmo a suprir suas necessidades. Deve-se entender melhor as necessidades e dificuldades mais imediatas do sujeito e utilizar as atividades lúdicas justamente na busca de possibilidades de aprendizagem e compreensão não só de conteúdos, mas de valores também.

O professor contemporâneo, por sua vez, se apropria do brincar e o insere no universo escolar, particularmente na Educação Infantil. O brincar é utilizado de maneira sistemática por esse professor que reconhece nele uma via para se aproximar da criança, enfim, para ensiná-la. O brincar torna-se, então, coadjuvante no ensino formal, tomado pelo professor, como um instrumento pedagógico, cujo objetivo é facilitar o processo ensino-aprendizagem. A presença do lúdico na educação infantil é uma realidade. Aliás, diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL,

1998), que o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança. Brincando as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes como a atenção, a memória e a imaginação. Além disso, o RCNEI diz que por meio da atividade lúdica, “os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular [...]” (BRASIL, 1998, p. 28, v. 1).

Com isso, o professor instiga a criança à descoberta, à curiosidade ao desejo de saber, a criança tem no professor um parceiro nessa busca. Brincar é criar, recriar. E, a possibilidade de criação e de recriação é essencial para a educação. “A criatividade é função da capacidade de sublimar, e o processo de sublimação exige a ocorrência de satisfação compatível com o princípio da realidade e renúncia à satisfação total do desejo” (OLIVEIRA, 2001, p. 29).

Portanto, ensinar por meio do lúdico é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraída e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu envolvimento no processo ensino-aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente.

O professor deve atuar como alguém que entende essa importância e, conseqüentemente, dedica tempo para a brincadeira diariamente dentro da escola. Mas que os brinquedos não devem servir na sala de aula como um instrumento para se preencherem os espaços vazios, mas sim "a ideia é de fazer da brincadeira um objeto de estudo para conhecer mais o aluno e os processos de desenvolvimento em que ele se encontra (VITÓRIA, 2005, p.32).

O professor precisa ter claro esse conceito para que possa articular o lúdico com as situações de aprendizagem. Um primeiro passo é adequar o tipo de atividade ao conteúdo, tempo de aula e características da turma. Deve-se explorar a brincadeira priorizando o aspecto da espontaneidade, ou o jogo com regras, isto é, tudo depende dos objetivos estabelecidos.

A diversidade de brincadeiras se faz fundamental e a sorte é que as crianças têm a capacidade de se divertir com pouco. As brincadeiras são de grande auxílio no desenvolvimento da criança. Além de desenvolver a musculatura corporal, são indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual. Através delas, as crianças

desenvolvem sua linguagem, o pensamento, a interação social, aprendendo a conviver e respeitar o outro.

As brincadeiras aparentemente simples são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança e também é uma forma de auto expressão.

Mas antes de se iniciar qualquer atividade lúdica é preciso criar um ambiente harmonioso, onde as crianças possam participar dessa construção. Além disso, é sempre bom iniciar deixando claro para as crianças que irão participar a finalidade da brincadeira ou do jogo, alertando também que não terá o intuito de derrota ou vitória.

Várias são as formas de brincadeiras que podem ser desenvolvidas para a aprendizagem das crianças. Exemplos de algumas são:

- Blocos de construção: Favorecem a descoberta de conceitos, como tamanho, forma, quantidade, relações espaciais e causalidade, além de desenvolver a imaginação e criatividade. Além de ser, uma brincadeira prática e de caráter educacional, a criança pode brincar sozinha ou em grupo.
- Brincadeiras na água e na areia: Permitem a exploração, o exercício motor e a socialização. É um brincar prático, podendo ser desenvolvido em grupo, auxiliando também no desenvolvimento motor da criança.
- Brincadeiras de faz-de-conta: Favorecem a imaginação, imitação, possibilita o desenvolvimento social, afetivo e os processos de raciocínio. Pode-se brincar sozinho, isto é, um brincar simbólico.
- Quebra-cabeças: Estimula o raciocínio, a concentração e o desenvolvimento psicomotor, além da cooperação e socialização. É uma brincadeira prática, em grupo, psicológico e educacional, auxilia no desenvolvimento da aprendizagem cognitiva da criança.
- Roda: forme uma roda e cante cantigas antigas, como pau no gato, ciranda-cirandinha, a canoa virou, pirulito que bate bate, samba lelê, se esta rua fosse minha, serra serra serrador, etc. Desenvolve a parte motora, linguística, interpessoal. É uma brincadeira prática que auxilia na socialização de grupos, sendo a mesma de caráter folclórico e antropológico.
- Escravos de Jó: A brincadeira pode ser em grupo, sendo que duas pessoas cantam a música (escravos de jó, jogavam caxangá, tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue, zigue zá). Cada um com uma pedrinha ou um bombom

na mão e vai seguindo o que diz a música. Desenvolve a parte motora, linguística, interpessoal. É uma brincadeira prática, em grupo e de caráter folclórico, isto é, de diferentes culturas passada de geração em geração.

- Amarelinha: faça um risco no chão e numere de 1 a 10, no último faça um arco representando o céu. Pule com um pé só dentro de cada quadrado, sem errar. Ajuda no desenvolvimento motor da criança, matemático e interpessoal. É uma brincadeira prática, que pode ser desenvolvida sozinho ou em grupo, sendo a mesma de caráter folclórico.

- Batata quente: As pessoas ficam em círculo e alguém fica de fora. Passem uma bola bem rápida de mão em mão e quem estiver fora diz: "batata quente, quente, quente, ..., queimou!", em quem a bola parar no queimou é eliminado. Desenvolve a parte motora, interpessoal. É uma brincadeira prática, em grupo e de caráter folclórico e antropológico.

Contudo, as brincadeiras educativas provocam o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, a expressão oral e escrita, incentivando os conhecimentos científicos para compreender os fenômenos naturais, crescendo a capacidade de aprender, dar ênfase ao aprendizado num ambiente afetivo e acolhedor. Assim sendo, brincar é aprender. Na brincadeira, está a base daquilo que, posteriormente, possibilitará à criança aprendizagens mais complexas e elaboradas.

O brincar, na perspectiva dos professores, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1988), refere-se ao papel do professor de estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças, disponibilizando objetos, fantasias, brinquedos ou jogos e possibilitando espaço e tempo para brincar.

O uso de instrumentos variados em sala como a música, teatro, dança, histórias e construção de materiais concretos são de grande importância e auxílio no processo de construção do conhecimento, pois ao mesmo tempo em que o aluno constrói ou cria o seu material, ele estará desenvolvendo as suas capacidades como o raciocínio, atenção, criatividade concentração e domínio sobre o assunto.

Portanto, é importante salientar que a criança e a brincadeira fazem uma combinação perfeita, podemos perceber que é quase impossível imaginar uma criança que não goste de brincar, que não se deixa envolver pela imaginação. Por isso, o brincar consente pensar num ensino e numa aprendizagem mais envolventes e mais próximos do real, pois leva a fazer uma ligação entre a realidade e a fantasia. No entanto, é vital reconhecer a brincadeira como uma estratégia a mais na sala de aula, devemos, pois, sempre tomá-la como mais um instrumento pedagógico já que sabemos que a brincadeira desenvolve os aspectos físicos e sensoriais, além do desenvolvimento emocional, social e da personalidade da criança. Vamos aprender brincando nas escolas? Convido professores e professoras a brincarem com as crianças na educação infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal compreender, refletir e analisar a respeito da importância do uso dos brinquedos e das brincadeiras como potencializadores da aprendizagem tanto na educação infantil. Assim, busquei entender os elementos lúdicos, como brinquedos e brincadeiras, podem contribuir para a educação da infância e, principalmente, sua influência no desempenho escolar. Neste sentido, a partir da pesquisa, compreendi que é preciso localizar as dificuldades encontradas pelos educadores em utilizar a brincadeira como ferramenta pedagógica e se a brincadeira pode propiciar condições para um desenvolvimento saudável, além de incentivar a conscientização dos pais e educadores sobre um trabalho conjunto para a introdução do brinquedo na aprendizagem da criança.

No entanto, não é preciso encontrar um conceito único, universal sobre a atividade do brincar. Porém, a diversidade de pesquisas e abordagens teóricas e metodológicas ganham potências ao se preocuparem em ampliar suas abordagens para que os professores da Educação Infantil compreendam a necessidade da aplicação da atividade do brincar nas práticas educativas. Neste sentido, o brincar, entendido como atividade inerente e necessária na infância necessita respeitar a liberdade e a diversidade de possibilidades de brincadeiras, assim como, os interesses das crianças nessa atividade, conforme apontam *Os Referenciais, Os Parâmetros e As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*.

É de fundamental importância criar espaços para a brincadeira, estimular e auxiliar as crianças, como também proporcionar-lhes o contato com os livros, com a leitura, com as imagens e o ouvir histórias. Diante dos resultados de análise bibliográfica, podemos afirmar que as brincadeiras são de fato ferramentas facilitadoras de aprendizados, com elas a criança desenvolve aspectos afetivos, cognitivos, motores e sociais, podendo assim interagir com o meio em que vive de forma dinâmica e prazerosa.

Além da interação, o brinquedo e a brincadeira proporcionam mecanismos para desenvolver a memória, a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade, a sociabilidade e habilidade para melhor desenvolver a aprendizagem. Nessa perspectiva, as brincadeiras vêm contribuir significativamente para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas e cognitivas da criança.

Percebi, ainda, que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância. Nesta, ela deve ser vivenciada não apenas como diversão, mas com objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações inter-pessoais e trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a formação integral da criança. Sendo assim, trabalhar com o lúdico é importante na construção do conhecimento na Educação Infantil.

Na visão de Inhelder (2001), o lúdico incentiva a criança a agir de maneira ativa, reflexiva, questionadora, curiosa, torna-a um ser social, que cria e respeita as regras impostas pela sociedade, tendo em vista diversas brincadeiras e brinquedos que representam uma situação-problema. Sendo esta resolvida pela criança, em que a mesma descobre a solução de forma criativa e inteligente, possibilitando-lhe o desenvolvimento intelectual.

Portanto, entende-se que o brincar deve ser posto constantemente em questão e em prática nas instituições de educação infantil, pois ao brincar não se aprende somente conteúdos escolares, aprende-se sobre a vida e suas relações com os outros.

**REFERÊNCIAS**

- WALLON, Henri, (1995). **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens - O jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- UNICEF. **A Convenção sobre os Direitos da Criança**. Portugal, 1990.
- PAPALIA, Diane E., OLDS, Sally Wedkos e FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 10. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. Traduzido por Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981
- KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre, Mediação, 1998.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo Conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. "Orientações curriculares - 1997" e Enciclopédia da Educação Infantil.
- KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.
- ARAÚJO, J.C.S (Org.). **A infância na modernidade: entre a educação e o trabalho**. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- PAULA, Elaine de. **Crianças e Infâncias: Universos a Desvendar**. Programa de Mestrado em Educação da UFSC. I semestre de 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche que lugar é esse?** Dissertação (Mestrado em Educação)? Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**. Edições Loyola, 2003
- OLIVEIRA. Vera Barros (Org.) **O Brincar e a Criança**: Petrópolis: Vozes, 1996.

- KRAMER, Sonia. **A política da pré-escola no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1998.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente**.
- MEC. **Currículo de Educação Infantil e a formação dos profissionais de creches e pré-escolas: questões teóricas e polêmicas**. In. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília, 1994
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- ARIBAS, T. Lleixá. **Educação Infantil – Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar**. 5ª ed. Artmed, 2004.
- FRANCO, S. R.K. **O Construtivismo e a Educação**. Ed. Mediação. 4ª ed., Porto Alegre, 1995.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, e sonho imagem e representação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- SANTOS, P.S.M. **Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000
- VYGOTSKY, L.S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998a.
- Vygotsky, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CERISARA, A. B. De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. Em T. M. Kishimoto (Org.), **O brincar e suas teorias** (pp.123-138). São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Volume 3: Conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- KAMII, Constance, DEVRIES, Rheta. **Piaget para a educação pré-escolar**. trad. Maria Alice Bade Danesi. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DIDONET, Vital. **O direito de brincar**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BRINQUEDOTECAS, 2, 1994, São Paulo.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 1a ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

- KISHIMOTO, Tizuko. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 2º ed, São Paulo: Cortez, 1997.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico-crítica na Educação Infantil e ensino fundamental**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. – (Coleção Educação contemporânea).
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**; [Tradução de Marcus Vinicius Mazzari; direção da coleção Fanny Abramovich]. – São Paulo: Summus, 1984.
- ATZINGEN, Maria Cristina Von. **História do Brinquedo: Para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem**. São Paulo: Alegro, 2001.
- ROJAS, Jucimara. **Jogos, Brinquedos e Brincadeiras: O Lúdico e o Processo de Desenvolvimento Infantil**, 2007.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Vetor, 1994.
- MOYLES, Janet R. [et al]. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ALMEIDA, Fernando José de. **Folha Explica : Paulo Freire**. São Paulo(SP): Publifolha, 2009.
- CURTIS, Audrey. In: **O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias**. MOYLES, Janet R. [et al]. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar prazer e aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 4ª ed., 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de qualidade para a Educação Infantil**. Brasília:DF, 2006.
- LIMA, Euvira Souza. **Coleção Cultura: Ciências e cidadania**. São Paulo Inter Alia, 2007.
- SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar**. Porto Alegre: artmed, 2000.
- BORBA, Ângela M. **O Brincar como modo de ser e estar no mundo**. Ensino Fundamental dos Nove Anos. 2ª edição. Brasília. Editora Leograf, 2007.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. 2ª ed. Ver. atual e ampl. Curitiba: Ibepex, 2011 – Série Dimensões da Educação.

FREIRE P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Z. M. **Creches: Crianças, Faz de Conta & Cia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, H. **Do Ato ao Pensamento**. Lisboa : Moraes, 1979.

FREINET, C. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1998.

REDIN, Euclides, **O espaço e o tempo da criança**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

SMITH, Peter K. In: O brincar e os usos do brincar. MOYLES. Janet R. [et al]. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação Infantil e anos iniciais. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MACEDO, Lino, PASSOS, Norimar Christe, PRETTY, Analucia Sícoli. **Os jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, M.L. **Contribuições da Psicanálise para a compreensão da criatividade**. In: VASCONCELOS, M.S. (Org.) Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordada psicopedagogia**. Clínica da criança e sua família. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.

VITÓRIA, Maria Inês Corte. **Brincar para ser feliz**. Revista Aprende Brasil. Agosto/Setembro, 2005, p.32.

COSTA, Maria Luiza Andreozzi da. **Piaget e a intervenção psicopedagógica**. São Paulo: Olho d'água, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärdel. **A Psicologia da criança**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.